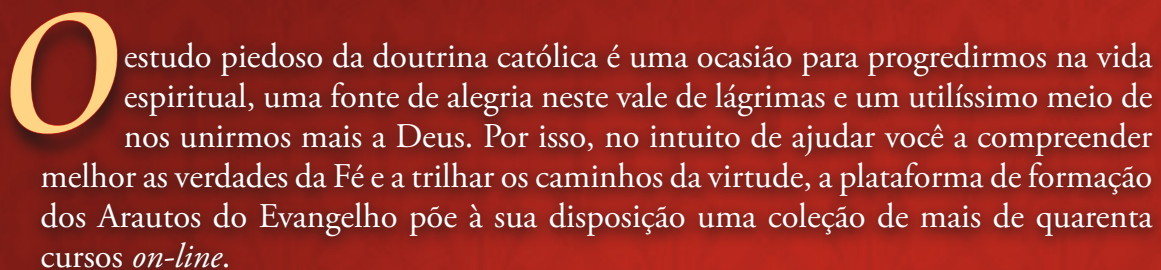


A stained glass illustration depicting Jesus seated on the left, wearing a red robe and a green sash, with a red and gold halo. He is gesturing with his right hand. Two women stand before him. The woman on the left wears a red tunic, a green skirt, and a white shawl, holding a brown basket and a white cloth. The woman on the right wears a blue tunic, a yellow skirt, and a white shawl, with her hands clasped. Both women have blue and gold halos. The background features architectural columns and a large red and gold cross on the left.

ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 295 - Julho 2026

Sede amigos de Deus



ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXV, nº 295, Julho 2026

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 330,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 28,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
Onde encontrar a verdadeira amizade?	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
Ele quer ser nosso Amigo!	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
A virtude dos grandes.	8
Grandiosa hierarquia da criação	9
Divina paciência, justiça absoluta	10
Um tesouro transformante.	11
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
A verdadeira amizade	12
➔ TEMA DO MÊS – AMIZADE ESPIRITUAL	
Um só coração e uma só alma	16
Dize-me com quem andas.....	20
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Adulação: um pecado?	23
➔ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
Fina flor do relacionamento humano.....	24
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
É mais meritório amar um inimigo ou um amigo?	27
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Alegria de fazer o bem	28
➔ ESPLENDORES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÁ	
Pitadas de sal na doçura de viver	32
➔ VIDA DOS SANTOS	
Santo Elias, profeta - O Ígneo	34
➔ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Mãe incondicional	38
➔ ARAUTOS NO MUNDO	42
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Ao sabor do vinho e da guerra	46
➔ VOCÊ SABIA... ..	49
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Silêncio, fonte inesgotável de harmonia	50



12 O segredo de uma amizade sincera e duradoura



32 Quando a cortesia se unia à espiritualidade



34 Alma de fogo, cujo brilho não conheceu oca



50 Silêncio não de palavras, mas das paixões desordenadas

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Qual o sentido verdadeiro de Atos 17, 24?

Waldir Ramiro – Via e-mail

O versículo dos Atos dos Apóstolos que suscita a dúvida quanto à sua interpretação é o seguinte: “O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas”.

Primeiramente, é necessário entender o contexto do trecho em questão. São Paulo encontrava-se no areópago de Atenas. Como exímio evangelizador, ele não poderia, já no início do discurso, denunciar os erros dos gregos; era preciso, antes de tudo, conquistar os corações deles.

São Beda (cf. *Super Acta Apostolorum expositio*, c.XVII) comenta que o Apóstolo dos Gentios agiu com gradualidade: primeiro, explicou que apenas Deus é o Criador do mundo; em seguida, combateu abertamente a crença na idolatria; por fim, ensinou que Deus, a cuja imagem e semelhança foi feito o homem, não deve ser medido pelo valor dos metais. Apesar do esforço de São Paulo, a maioria dos atenienses rejeitou a mensagem; apenas “alguns homens aderiram a ele e creram: entre eles, Dionísio, o areopagita, e uma mulher chamada Dâmaris; e com eles ainda outros” (At 17, 34). Assim, a semente do Evangelho foi plantada.

No caso em questão, o Apóstolo faz eco às palavras do Rei Salomão no dia da dedicação do Templo de Jerusalém: “Se os céus e os Céus dos céus não podem conter-Vos, quanto menos esta casa que eu Vos construí!” (I Rs 8, 27).

São Tomás de Aquino, com lógica e clareza sem igual, explica que efetivamente é necessário o culto exterior a Deus. Ora, sendo os homens dotados de corpo, também o

seu culto precisa estar provido de matéria física; por isso, fazem-no num lugar concreto, isto é, no templo. Desse modo, prestam maior reverência a Jesus Cristo, seja na sua divindade, seja na sua humanidade. Ademais, nos sagrados recintos as orações se tornam mais dignas de serem ouvidas. Para o Aquinate, é ainda mister a existência de especiais tempos, lugares, vasos sagrados e ministros para o culto divino, a fim de melhor reverenciar a Deus (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.102, a.4).

Vale recordar que, quando o Menino Jesus tinha doze anos e havia Se perdido de seus pais, Maria e José O procuraram aflitos e “depois de três dias O encontraram no Templo” (Lc 2, 46). Já no início de sua vida pública, Nosso Senhor alertou: “Destruí este santuário, e Eu o levantarei em três dias” (Jo 2, 19), referindo-se “ao santuário que é seu Corpo” (Jo 2, 21). Por sua vez, São Lucas descreve que, pouco antes de Se submeter à Paixão redentora, “Jesus passava então os dias no Templo, ensinando; saindo dali, pernoitava no monte chamado das Oliveiras. E o povo todo madrugava para ouvi-Lo no Templo” (Lc 21, 37-38). Por um mistério insondável, o próprio “Templo de Deus” – Cristo – quis Se manifestar de modo especial no templo material.

De modo sublime, cabe ainda afirmar que a Mãe de Deus também foi templo para o Menino Jesus. Ela O gerou por obra do Espírito Santo e conteve em Si Aquele mesmo que os Céus não podem conter... ✦



GAUDIUM PRESS
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CATÓLICAS DO BRASIL

Faça a sua assinatura
gratuitamente em
GAUDIUMPRESS.ORG

Acompanhe as principais notícias
da Igreja Católica no Brasil,
no mundo e no Vaticano



PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP
INSCREVA-SE NO NOSSO CANAL
PELO QR CODE AO LADO



Nosso Senhor
com Santa Marta
e Santa Maria
Madalena - Igreja
de Saint-Pierre-
aux-Liens, Cornas
(França)

Foto: FredSeiller (CC by-sa 4.0)

ONDE ENCONTRAR A VERDADEIRA AMIZADE?

Todo homem, ser social, quer ter amigos. Há aqueles de infância, os de trabalho, os que compartilham os mesmos interesses, mas há também os de ocasião e os falsos... A revolução contemporânea fantasiou ainda os amigos “virtuais”, forjando relações despersonalizadas entre “influenciadores” e a massa de “seguidores”. Mas seriam estes últimos amigos de verdade?

A resposta é negativa, por diversos motivos. Antes de tudo, a amizade, na concepção clássica e cristã, exige convívio e proximidade física – o que não se dá no caso em questão. Tampouco a amizade autêntica pode se alargar a múltiplos indivíduos, pois o amor, embora universal pela benevolência, é exclusivo pela intimidade. As relações cibernéticas revelam-se ainda efêmeras, o que contradiz a essência da amizade: sua perpetuidade. De fato, a amizade que perece, sequer começou...

Mesmo distante dos ambientes digitais, dificilmente se encontram amizades livres de sentimentalismos egoístas, de camaradagens mundanas ou de frivolidades diletantes. Na realidade, porque a genuína amizade precisa ser virtuosa, e poucos são os virtuosos, escassas resultam também as verdadeiras amizades.

As lídimas amizades se fundam no próprio Deus, pois Ele é amizade – *Deus amicitia est*, na expressão de Santo Elredo de Rievaulx –, o Amor por essência do qual nós participamos (cf. I Jo 4, 16). O Pai nos amou desde o início e como prova suprema nos enviou o seu Filho, cuja caridade se consumou no Calvário (cf. Jo 15, 13). Mais ainda, Jesus há de ser sempre o “terceiro” em todo vínculo cristão, pois Ele garantiu sua presença quando ao menos dois estiverem reunidos em seu nome (cf. Mt 18, 20).

A amizade, porém, exige reciprocidade. Como retribuir a imensidão de bondade do Criador? Nosso Senhor nos oferece a chave: “Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando” (Jo 15, 14). Trata-se, pois, do cumprimento do mandamento do amor, praticado não pelo mero esforço humano, mas pela graça, participação na própria vida divina. Paradoxalmente, só podemos amar a Deus pelo próprio amor com que Ele nos ama.

Na Santa Ceia, o Divino Mestre eleva os Apóstolos da condição de “servos” à dignidade de “amigos”. Na interpretação tomista, isso significa que eles não estão mais sob as amarras do antigo legalismo, mas respiram a liberdade dos filhos de Deus pela graça. E como selo dessa intimidade, Cristo confidencia: “Eu vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15, 15).

Nossa amizade com Deus não se limita à mera observância da lei e à permanência no estado de graça. Trata-se da busca incessante e habitual da alma para entrar na vida íntima do Filho, na qual os arcanos do Pai são revelados. Como ensina São Tomás de Aquino, é próprio aos amigos confiar os segredos do coração; contudo, “como os amigos têm um só coração e uma só alma, não parece que seja preciso pôr para fora aquilo que revela ao seu amigo” (*In Ioannem*, c.XV, lect.3, n.2016). Em síntese, os amigos se comunicam mais pelo coração do que por palavras.

Em última análise, a vida mística, essencialmente recôndita e misteriosa, é a suprema amizade com Deus. Nossas almas, escondidas n’Ele (cf. Cl 3, 3), progressivamente se deificam e tornam-se partícipes das amicíssimas relações trinitárias, ao auscultar os segredos do Pai pelo Verbo na união plena com o Espírito de Amor. Eis a verdadeira amizade, da qual todas as demais participam. ✠



Ele quer ser nosso Amigo!

Amizade: palavra pouco compreendida em nossos dias, mas quão real para exprimir a íntima união que Deus deseja estabelecer conosco.

COMUNHÃO DO PENSAR E DO QUERER

O que é verdadeiramente a amizade? *Idem velle, idem nolle* – querer as mesmas coisas e não querer as mesmas coisas, diziam os antigos. A amizade é uma comunhão do pensar e do querer.

O Senhor não Se cansa de nos dizer a mesma coisa: “Conheço os meus e os meus conhecem-Me”. O Pastor chama os seus pelo nome. Ele me conhece pelo nome. Não sou um ser anônimo qualquer, na infinidade do universo. Conhece-me de modo muito pessoal. E eu? Conheço-O a Ele? A amizade que Ele me dedica pode apenas traduzir-se em que eu também O procure conhecer cada vez melhor; que eu, na Escritura, nos Sacramentos, no encontro da oração, na Comunhão dos Santos, nas pessoas que se aproximam de mim mandadas por Ele, procure conhecer sempre mais a Ele próprio.

A amizade não é apenas conhecimento; é sobretudo comunhão do querer. Significa que a minha vontade cresce rumo ao “sim” da adesão à d’Ele. De fato, a sua vontade não é uma vontade externa e alheia a mim mesmo, à qual mais ou menos voluntariamente me submeto ou então nem sequer me submeto. Não! Na amizade, a minha vontade, crescendo, une-se à d’Ele: a sua vontade torna-se a minha.

BENTO XVI.
Homilia, 29/6/2011

“SIM” AO AMIGO, “NÃO” AO QUE SE LHE OPÕE

Um dom de amizade exige um “sim” ao amigo e um “não” a tudo o que não for compatível com esta amizade, a tudo o que não está em sintonia com a vida da família de Deus, com a verdadeira vida em Cristo. [...] Conhecemos bem estas coisas, mas talvez porque as ouvimos demasiadas vezes, estas palavras não nos dizem muito. Então devemos aprofundar um pouco os conteúdos destes “não”. A que dizemos “não”? Só assim podemos compreender ao que desejamos dizer “sim”.

BENTO XVI.
Homilia, 8/1/2006

NOSSA SALVAÇÃO CONSISTE NA AMIZADE COM DEUS

Jesus Cristo transforma radicalmente a relação do homem com Deus, que doravante será uma relação de amizade. Por isso, a única condição da nova aliança é o amor. Comentando esta passagem do quarto Evangelho, Santo Agostinho insiste sobre a perspectiva da graça, a única que nos pode tornar amigos de Deus no seu Filho. Com efeito, um antigo provérbio dizia: “*Amicitia aut pares invenit, aut facit* – A amizade nasce entre iguais, ou torna-os iguais”. Não somos iguais a Deus, mas é o próprio Deus que nos torna semelhantes a Ele no seu Filho. [...]

A nossa experiência diz-nos que as amizades podem terminar devido a algum gesto clamoroso de ruptura, ou por causa de uma série de desatenções diárias, que desgastam a relação a ponto de a perder. Se Jesus nos chama a ser amigos, procuremos não deixar este apelo sem uma resposta. Acolhamo-lo, cuidemos desta relação e descobriremos que a nossa salvação consiste precisamente na amizade com Deus.

LEÃO XIV.
Audiência geral, 14/1/2026

BASE DA AMIZADE SINCERA COM OS DEMAIS

O encontro pessoal com o Mestre Divino que vos chama amigos pode ser o início de uma aventura extraordinária: tornar-vos apóstolos entre os vossos coetâneos. [...] Então vereis como a amizade com Ele vos conduzirá a abrir-vos aos outros, que considerareis como irmãos, estabelecendo com todos um relacionamento de amizade sincera. Jesus Cristo, de fato, é precisamente “o amor encarnado de Deus” (*Deus caritas est*, n.12), e só n’Ele é possível encontrar a força para oferecer aos irmãos afeto humano e caridade sobrenatural, num espírito de serviço que se manifesta sobretudo na compreensão.

BENTO XVI.
Discurso, 10/4/2006

FORÇA PARA VENCER OS DESÂNIMOS

Quem escolheu ser todo de Cristo há de encontrar, antes de tudo, na intimidade com Ele e na sua graça, a força de ânimo necessária para dissipar a melancolia e para vencer os desânimos. [...] E se a hostilidade, a desconfiança, a indiferença dos homens lhe tornarem por vezes demasiado amarga a solidão, há de saber compartilhar com dramática evidência a mesma sorte de Cristo, como o apóstolo que não é maior do que Aquele que o enviou, como o amigo que foi admitido aos segredos mais dolentes e mais gloriosos do Divino Amigo.

Arquivo Revista



A amizade exige um “sim” ao amigo e um “não” a tudo o que não for compatível com esta amizade, a tudo o que não está em sintonia com Cristo

Jesus com seus amigos Lázaro, Marta e Maria - Igreja de Santa Maria Madalena, Angers (França)

ESTÍMULO PARA A PERFEIÇÃO

Clara encontrou em Francisco de Assis não apenas um mestre cujos ensinamentos devia seguir, mas inclusive um amigo fraterno. A amizade entre estes dois Santos constitui um aspecto muito bonito e importante. Com efeito, quando se encontram duas almas puras e inflamadas pelo mesmo amor a Deus, elas haurem da amizade recíproca um estímulo extremamente forte para percorrer o caminho da perfeição. A amizade é um dos sentimentos humanos mais nobres e elevados que a graça divina purifica e transfigura. Como São Francisco e Santa Clara, também outros Santos viveram uma profunda amizade no caminho rumo à perfeição cristã, como São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal.

BENTO XVI.
Audiência geral, 15/9/2010

AMIZADE COM DEUS E COM QUEM LHE PERTENCE

[Tomás de Aquino], na composição dos seus escritos, era coadjuvado por alguns secretários, entre os quais o irmão dominicano Reginaldo de Piperno, que o acompanhou fielmente e com o qual o ligava uma amizade fraterna e sincera, caracterizada por uma grande confiança e confiança. Trata-se de uma característica dos Santos: cultivam a amizade, porque ela é uma das manifestações mais nobres do coração humano, e contém em si algo de divino, como o próprio Tomás explicou em algumas *questiones* da *Summa Theologiae*, onde escreve: “A caridade é principalmente a amizade do homem com Deus, e com os seres que Lhe pertencem” (II-II, q.23, a.1).

BENTO XVI.
Audiência geral, 2/6/2010

UMA UNIÃO QUE FLORESCE

Poderemos fazer bem pouco, no trabalho pela Igreja inteira que é a minha e a vossa preocupação cotidiana, se não tivermos adquirido esta estreita intimidade com o Senhor Jesus: se verdadeiramente não estivermos com Ele e como Ele consagrados na verdade; se não guardarmos a sua palavra em nós, procurando descobrir-lhe todos os dias a riqueza escondida; se o amor mesmo de Deus pelo seu Cristo não estiver profundamente radicado em nós. A unidade exterior pela qual rezamos será o germinar, o florescer daquela íntima união com Cristo, que todos os fiéis indistintamente devem ter.

SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 23/1/1981

QUE SUA AMIZADE NOS SANTIFIQUE

Na medida em que nos deixamos tocar por [Jesus], em que o encontro se torna amizade e amor, tornamo-nos nós mesmos, a partir da sua pureza, pessoas puras e depois pessoas que amam com o seu amor, pessoas que introduzem também outros na sua pureza e no seu amor. Agostinho resumiu todo este processo na bonita expressão: *Da quod iubet et iube quod vis* – concede o que comandas e depois comanda o que queres. Neste momento queremos levar diante do Senhor este pedido e implorá-Lo: sim, purifiquem-nos na verdade. Sê tu a verdade que nos torna puros. Faz com que mediante a amizade contigo nos tornemos livres e assim verdadeiramente filhos de Deus, faz com que nos tornemos capazes de nos sentarmos à tua mesa e difundirmos neste mundo a luz da tua pureza e bondade. Amém.

BENTO XVI.
Homília, 30/8/2009



5 de julho – XIV Domingo do Tempo Comum

(Zc 9, 9-10; Sl 144; Rm 8, 9.11-13; Mt 11, 25-30)

A virtude dos grandes



✠ Pe. Joshua Alexander Sequeira, EP

Grandeza e humildade realizaram em Jesus Cristo uma aliança admirável. Ele é, como em tudo, o modelo insuperável de ambas as virtudes

A primeira leitura deste domingo soa familiar a todo ouvido católico, por constar na comemoração da entrada do Salvador em Jerusalém no Domingo de Ramos: “Vem teu rei ao teu encontro; ele é justo, ele salva; é humilde e vem montado num jumento” (Zc 9, 9). Poucos, porém, conhecem a continuação da profecia de Zacarias, ao cantar a grandeza do Rei-Messias: “Seu domínio se estenderá de um mar a outro mar, e desde o rio até aos confins da terra” (9, 10).

Como conciliar a humildade de um jumentinho com a grandeza do poder divino? Eis o cerne da Liturgia de hoje.

O neopaganismo igualitário sistematicamente prega uma dupla mentira: injúria a grandeza, ao tachá-la de opressora dos pequenos, enquanto avilta a humildade com uma caricatura pusilânime, tola e miserabilista.

Eivado desses preconceitos revolucionários, não faltou quem difamasse o Antigo Testamento de “duro” e “áspero”, contrapondo-o às “doçuras” do Novo, o qual estaria despojado de toda grandeza. Como se o Deus do Sinai fosse outro que o do Calvário...

A realidade, todavia, revela-se bem diferente. Grandeza e humildade realizaram, no Homem-Deus, uma aliança admirável. Jesus Cristo é – como em tudo! – o modelo insuperável de ambas as virtudes. O Leão de Judá é o Cordeiro de Deus.

“Entrada de Jesus em Jerusalém”, por Giotto di Bondone - Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

Vemo-Lo recém-nascido na manjedoura, na calada da noite cortada tão só pelo cântico de miríades de Anjos da corte celestial e pelo mugido dos animais; crucificado entre ladrões, vertendo as gotas derradeiras de seu Sangue redentor enquanto o sol se escurece e a terra estremece; e, no mesmo Domingo de Ramos, montado num burrico entre aclamações da multidão, como Rei dos reis que silencia a objeção dos fariseus: “Digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!” (Lc 19, 40).

O apelo de Jesus ecoa, sonoro e meigo, aos “cansados” de todos os séculos: “Vinde a Mim [...], e Eu vos darei descanso. [...] Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 28-29).

O humilde reconhece resignadamente a verdade acerca de si mesmo: atribuiu suas qualidades à liberalidade divina e os defeitos à sua natureza pecadora. Não se abate por constatar suas misérias. Veraz e despretenso, regozija-se pelas superioridades alheias.

Manso à imitação de Cristo, o verdadeiro “pequeno” (Mt 11, 25b) arde de entusiasmo pelo Criador. Nada pede para si, mas tudo para Deus, como exorta hoje o salmista. Será o protetor daqueles que vivem segundo o espírito, mas desprezará os de “procedimento carnal” (Rm 8, 13), permanecendo altivo, sem curvar-se por medo ou servilismo, ante os “sábios e entendidos” (Mt 11, 25a) da terra.

Depressa torna-se magnânimo quem leva o suave jugo da humildade! Sim, as virtudes são sempre irmãs: a genuína grandeza provém apenas da humildade, e somente é humilde quem busca a magnanimidade, quem procura “empreender obras grandes, esplêndidas e dignas de honra em todo gênero de virtudes”.¹

Roguemos à Santíssima Virgem que nos ensine a cantar com Ela o *Magnificat*, glorificando ao mesmo tempo o poder de Deus na dispersão dos soberbos e na exaltação dos humildes! ✠

¹ ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 6.ed. Madrid: BAC, 1988, p.590.



Grandiosa hierarquia da criação

Pe. Rodrigo Alonso Solera Lacayo, EP



Vivemos numa sociedade eivada de princípios igualitários. Em maior ou menor grau, somos influenciados por uma profunda tendência a rejeitar ou, ao menos, a nos ressentir diante de qualquer autoridade ou superioridade alheia.¹ Entretanto, tal postura opõe-se à doutrina evangélica, como podemos constatar na parábola deste domingo.

A narrativa simbólica inicia-se com a figura do semeador, sem cuja ação nem a semente poderia germinar nem a terra fértil produzir frutos. A tradição cristã reconhece nele a imagem de Cristo, semeando nas almas sua graça e sua palavra. Contudo, essa alegoria também evoca todos aqueles investidos de missão de autoridade, ensino ou exemplo. Em oposição às ideologias igualitárias, o verdadeiro superior não existe para oprimir os inferiores, mas para auxiliá-los, protegê-los, estimulá-los na prática do bem e os encaminhar à perfeição. Assim dispôs Deus ao gravar no universo os princípios de hierarquia e mediação: “O Rei e Senhor dos Céus instituiu desde toda a eternidade esta lei: que os dons de sua Providência chegassem às realidades inferiores por meio das intermediárias”.²

Em seguida, o Divino Mestre apresenta quatro terrenos radicalmente desiguais em uberidade: a beira do caminho simboliza os corações endurecidos; o terreno pedregoso, os superficiais e inconstantes; o solo cheio de espinhos, os sufocados pelas paixões desregradas; e, por fim, a terra boa evoca as almas dóceis à ação divina. Apenas as sementes lançadas em solo propício produziram fruto, e cada qual em grau diverso: umas renderam cem por um; outras, sessenta; outras ainda, trinta.

Eis mais uma prova da inconveniência do igualitarismo: como uma causa não pode produzir efeitos além de sua própria medida, igualar os terrenos exigiria degradar os melhores e reduzi-los à infrutuosidade, e uniformizar as sementes equivaleria a diminuir a fecundidade das mais frutuosas. De forma análoga, também entre os homens há legítimas diferenças de dons, capacidades e influências. Cada qual pode, em distintas medidas, receber dos outros e exercer sobre

eles um benéfico influxo. Uniformidade absoluta não existe; uma civilização igualitária empobreceria a harmonia da criação e só edificaria ruínas.

Poder-se-ia objetar: não há injustiça na desigualdade? É o Doutor Angélico quem responde: “Foi conveniente que a diversidade das coisas tivesse sido instituída com certa ordem, de modo que umas fossem melhores que outras. [...] Para que a semelhança a Deus das coisas criadas fosse mais perfeita, foi necessário que umas fossem constituídas melhores que as outras, e que umas agissem sobre as outras, conduzindo-as à perfeição”.³ Toda a criação, portanto, encontra-se disposta em graus diferentes, e assim também deveria ser a organização social: uma hierarquia harmônica, alicerçada sobre os fundamentos da caridade.

Por fim, a diversidade de frutos convida-nos a um sério exame de consciência: que espécie de semente somos nós no cumprimento de nossos deveres de estado e de piedade? Produzimos obras de cem por um, ou somente de sessenta ou de trinta? Procuramos oferecer a Deus o melhor, segundo nossas possibilidades concretas? Ou nos contentamos com obras medíocres, dedicando ao Criador apenas parte de nosso amor e esforço?

Peçamos a Nosso Senhor, o Divino Semeador, que transforme nosso coração em terra fértil, humilde, pura e admirativa das qualidades alheias. Desse modo, produziremos frutos generosos até cem por um. ✚

À semelhança dos campos e das sementes, entre os homens há legítimas diferenças de dons, capacidades e influências. Uma civilização igualitária empobreceria a harmonia da criação

¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.83-107.

² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Principium Rigans montes*, proœmium.

³ Idem. *Compêndio de Teologia*, c.73.

“Parábola do semeador”, por Marten van Valckenborch - Museu de História da Arte, Viena



Divina paciência, justiça absoluta

✠ Pe. Manuel Francisco Rodríguez Sancho, EP



*O trigo
verdadeiro
não se deixa
vencer
pelo joio;
enfrenta-o
com paciência
até o fim.
Eis então
o momento
de proceder
à definitiva
separação*

Quão fácil é corrigir com excessivo rigor, sobretudo quando se trata de um defeito alheio que nos causa incômodo! Na parábola do joio e do trigo, porém, Nosso Senhor Jesus Cristo nos indica um caminho diferente. A verdadeira autoridade não se exerce apenas pelo poder, mas é fecundada pela caridade e pela paciência, como recorda o Livro da Sabedoria: “A tua força é princípio da tua justiça, e o teu domínio sobre todos te faz para com todos indulgente” (12, 16).

No relato evangélico, o inimigo – o diabo – busca arruinar a colheita, ao semear o joio. Diante dessa adversidade, Deus não age com precipitação: exerce a longanimidade, na esperança de uma conversão. Primeiro, pondera: “Pode acontecer que, arrancando o joio, arranqueis também o trigo”; depois, espera com clemência: “Deixai crescer um e outro até a colheita”. Caso o joio persevere na sua artimanha e não se arrependa, será arrancado e amarrado “em feixes para ser queimado” (Mt 13, 29-30).

O ensinamento contido nesta parábola divina frutificou nos séculos de ouro da Cristandade, servindo de paradigma para reis santos como São Luís de França e São Fernando de Castela. Esses monarcas compreenderam que a autoridade precisa ser exercida de acordo com os preceitos divinos: por sua bondade, protegeram e incentivavam o bem com paternal solididade; por dissuasão, reprimiram exemplarmente o mal que ameaçava o trigo de seus reinos.

Poder-se-ia objetar que, deixando crescer os dois juntos, corre-se o risco de que o joio, por ser mais

agressivo, acabe por sufocar o trigo. Sem embargo, o dono do campo, com divina prudência, aguarda a maturação dos frutos. Com o passar dos meses, a diferença se faz patente: as espigas de trigo, carregadas de grãos, inclinam-se humildes; o joio ergue-se com empáfia, mas sem frutificar. O trigo verdadeiro não se deixa vencer pelo joio; enfrenta-o com paciência até o fim. É esse o momento de proceder, com energia e sem vacilação, à definitiva separação.

Aplicando ao contexto da Igreja, muitos passam por bons católicos, enquanto no íntimo operam como ervas daninhas no jardim do Senhor... De fato, na época da colheita fica evidente o abismo que separa um do outro: o trigo traz em si a marca da caridade; o joio serve só a si mesmo, é estéril. Por isso, merece o fogo.

A sentença final do dono do campo é, portanto, de uma justiça absoluta: separar quem vive no espírito de serviço e na paciência das boas obras, daqueles que, movidos pelo espírito de soberba, consumiram suas vidas em busca da aparência por cima dos trigais.

Quanto tempo falta para a colheita final? Não sabemos. De todos os modos, mesmo que por vezes nos sintamos sufocados pelo joio e debilitados pela adversidade, tenhamos certeza de que “o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza” (Rm 8, 26). Através

d’Ele permanecemos firmes espigas de trigo, sob a proteção da Virgem Maria. Assim, jamais seremos consumidos pelo fogo infernal destinado àqueles que abraçaram o joio do demônio. ✠



John Salmon (CC by-sa 2.0)

Parábola do trigo e do joio -
Igreja de São João Batista,
Aylmerton (Reino Unido)

Um tesouro transformante



✠ Pe. Timothy Joseph Ring, EP

As parábolas ensinadas por Nosso Senhor constituem um convite ao Reino dos Céus – expressão utilizada mais de trinta vezes por São Mateus. No Evangelho de hoje, esse Reino é comparado a um tesouro acessível, esplendoroso, mas cheio de desafios: sua conquista exige uma transformação de mentalidade.

Na primeira parábola certo homem descobre um tesouro escondido no campo. Encontrá-lo de improviso é símbolo da *gratia gratis data* – graça gratuitamente concedida. Demonstra que Deus quer conceder o melhor, de modo abundante, sem qualquer mérito. Esse tesouro profuso e valioso faz referência à riqueza da sabedoria, a mesma que Salomão pediu e recebeu para governar o povo eleito (cf. I Rs 3, 5-12). Simboliza, em suma, o Coração Sagrado de Jesus, no qual estão contidos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2, 3).

A segunda parábola expressa o empenho do comprador que procura pérolas preciosas. Esse tesouro, considerado particularmente belo, jamais há de ser atirado aos porcos (cf. Mt 7, 6) – isto é, deve ser cuidado com zelo. Ora, de acordo com São Tomás,¹ a beleza compreende três elementos: integridade ou perfeição, proporção ou harmonia, e clareza. Tais atributos se encontram plenamente em Cristo, “o mais belo entre os filhos dos homens” (Sl 44, 3), de cujo fulgor participa Maria, a “toda bela” (Ct 4, 7).

Por fim, a última parábola, a da rede lançada ao mar, introduz uma nota distinta: enquanto as anteriores evocam o júbilo de encontrar o Reino, esta última sublinha o juízo inexorável entre os peixes bons e

os ruins: uns são colocados nos cestos; outros, jogados fora. Os justos serão salvos, enquanto os Anjos “lançarão os maus na fornalha de fogo” (Mt 13, 50). Diante disso, é preciso confiar, pois “tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados para a salvação [...]”. E aos que chamou, também os tornou justos; e aos que tornou justos, também os glorificou” (Rm 8, 28.30).

Os primeiros Apóstolos foram pescadores de homens que, lançando as redes da verdadeira doutrina salvífica em um “mar” ora calmo, ora revoltado, ofereceram aos seus contemporâneos um “modo de viver” (At 5, 20), já aqui nesta terra, como autênticos “cidadãos do Céu” (Fl 3, 20).

Deus nos envia, gratuitamente, graças para amá-Lo e, prodigamente, incentivos para buscá-Lo. Concede-nos forças para renunciar aos maus hábitos e nos desaparecer das más inclinações. Isso constitui um verdadeiro tesouro que, guardado no coração, transforma a nossa existência e, em meio às vicissitudes desta vida, faz-nos já antecipar o Reino dos Céus.

O maior tesouro deixado por Cristo a nós foi a sua Mãe. Por isso, elevemos os nossos corações a Ela com uma súplica: Ó Maria Santíssima, Rainha do Céu, Discípula perfeita, que guardastes em vosso Coração todas as maravilhas operadas por vosso Divino Filho, intercedei por nós e fazei com que nossos corações sejam transformados, para que já possamos viver nessa terra a realidade do Reino dos Céus! ✠



“Parábola do tesouro escondido”, por Rembrandt - Museu de Belas Artes, Budapeste

Jesus nos oferece um tesouro que, guardado no coração, transforma a nossa existência, antecipando as alegrias do Reino dos Céus

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.39, a.8.

A verdadeira amizade

O convívio perfeito supõe ter a Deus no centro: então todas as inclinações se ordenam, esquecem-se os defeitos e passa-se por cima das feridas, procurando apenas admirar a virtude e o desígnio divino a respeito de cada um.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Quando levantamos os olhos para o céu e vemos as estrelas, elas nos parecem um imenso conjunto de luzinhas, muito semelhantes entre si. Entretanto, se as observamos por um telescópio, constatamos a grande variedade que há nos astros, tal como afirma São Paulo: “*Stella enim a stella differt in claritate*” (I Cor 15, 41).

Assim também acontece com os homens: embora todos pertençam ao gênero humano, sejam constituídos fisicamente de cabeça, tronco e membros, e tenham alma com as suas potências, a diversidade que existe de um para outro é muito ampla! Cada ente humano constitui um pequeno “universo”.

Em consequência disso, verifica-se um fenômeno curioso: quanto mais um indivíduo – ou um conjunto humano – aproxima-se de um elevado grau de perfeição, mais encontramos nele diferenças.

Há pessoas que têm pouca expressividade, são parcas em gestos e atitudes e, sobretudo, possuem um único tipo de afeto. No pincel ou no *crayon* de um artista elas se definiriam por dois ou três traços, dada sua simplicidade.

No extremo oposto, alguém que seja muito rico de personalidade, cheio de dons e de características, se mostrará polimórfico, profuso em expressões fisionômicas, em modos de ser e de agir; e, na sua afetividade, será capaz de estabelecer formas de amizade completamente distintas.

Desequilíbrios no relacionamento humano

Toda criatura humana, por causa do instinto de sociabilidade, está sempre à busca de alguém que a compreenda a fundo, a queira por inteiro e seja para com ela de uma lealdade total. Deus pôs na alma esse desejo para facilitar que uns se entendam com os outros, se apoiem reciprocamente e procurem que o bem circule entre todos.

Entretanto, na maioria das vezes, a pessoa não encontra o que esperava, e começa a ter decepções e choques violentos! Com efeito, depois do pecado original as inclinações do homem se tornaram desequilibradas e, por herança da ascendência ou por maus hábitos adquiridos ao longo da vida, se ele não pratica a virtude auxiliado pela graça, tenta a todo custo se pôr no cen-

tro das atenções, julgando-se mais do que os outros.

E por isso estabelece amizades equivocadas e tortas, baseadas no amor a si mesmo, no pragmatismo e nas vantagens pessoais. Daí surgem as invejas, as críticas, os maus-tratos, as brigas, as dissensões... Daí nascem também os desentendimentos entre aqueles que se casam por interesses pecuniários ou de projeção no seu grupo social, ou ainda por motivos românticos e superficiais, atraídos apenas pela beleza física.

O afeto sentimental é aquele pelo qual duas pessoas se unem por afinidades meramente humanas, e uma contempla a outra na ilusão de nela residir o polo da amizade, esquecendo-se de admirar as qualidades sobrenaturais. Essa aliança entre dois que caminham para o mal e se estimam por causa do pecado nunca é estável: o passo seguinte consistirá em querer os agrados do cônjuge para sentir-se adorado por ele, imaginando que retribuirá com a mesma moeda. Passado algum tempo, o resultado sempre será a traição e a inimizade, e ambos tornar-se-ão infieis ao sagrado juramento do matrimônio, feito diante do

ministro, junto ao altar, e que não poderia ser rompido até a morte.

Quantas decepções na vida de quem confia em amizades constituídas fora da graça de Deus! O amor-próprio e o sentimentalismo são a causa de todos os desastres e desvios existentes no relacionamento humano ao longo da História!

A sociedade contemporânea passa por um “terremoto” cuja causa está nas relações fundadas no egoísmo e na impureza. O trato próprio ao inferno tomou conta da face da terra, e este mundo moderno vai se desfazendo, porque a amizade verdadeira desapareceu e cada um deseja para o outro o que há de pior, ou seja, a condenação. Não há mais relacionamento altruístico, idealista, sobrenatural; não há mais, portanto, amizade de santidade.

No que consiste a verdadeira amizade?

O que é ser amigo?

A palavra *amigo* foi muito conspurcada ao longo dos séculos e também o é hoje em dia; mas ela tem um significado profundo, pois figura nos manuais de Teologia para designar a presença da Santíssima Trindade na alma humana pelo Batismo: Deus Se relaciona conosco como Pai e Amigo.

Dir-se-ia que o Pai nos amou com loucura, a ponto de entregar seu Filho como Vítima expiatória para nos comprar pelo preço infinito de seu Preciosíssimo Sangue! “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Se um só homem houvesse cometido um único pecado, o Verbo Se encarnaria e sofreria toda a Paixão para salvar este amigo e tirá-lo da escravidão ao demônio, dando-lhe a liberdade no seio das hostes d’Ele.

Ora, é preciso que haja uma reciprocidade nesse amor. Se Nosso Senhor deu sua vida por nós, o que devemos

dar? O amor se prova com as obras. Somos convidados à amizade com Jesus mediante o cumprimento dos Mandamentos e o amor de uns para com os outros, conforme Ele disse: “Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos man-



A verdadeira amizade não está no sentimentalismo, nem é só um simples querer bem; é gozar da mesma confiança, amar com abnegação e desinteresse, com pureza angélica, respeito e elevação de espírito

Davi e Jônatas - Catedral de Santo Egidio, Edimburgo (Escócia); na página anterior, detalhe de “O Juízo Final”, por Fra Angélico - Gemäldegalerie, Berlim

do. [...] O que vos mando é que vos ameis uns aos outros” (Jo 15, 14.17). A medida para saber se estamos em plena relação amistosa com o Senhor está no empenho de favorecer os demais por amor a Ele.

A Deus devemos amar sobre todas as coisas, com um amor radical e absoluto, inclusive acima de nós mesmos. É inerente à natureza humana – como à angélica – a inclinação para amar mais o Criador do que a si; e nem mesmo o pecado original conseguiu destruir essa tendência por completo. Por isso, o egoísmo constitui um pecado horrível, pois se levanta contra esse instinto e o esmaga, para substituí-lo pelo amor exagerado a si mesmo.

Não podemos deixar de amar-nos, mas é preciso fazê-lo em função de Deus, aspirando a realizar nossa missão para dar a Ele toda a glória que merece. E assim também em relação ao próximo: devemos amá-lo como a nós mesmos, ou seja, desejar o cumprimento total de sua vocação para que Deus seja glorificado.

Eis o padrão da verdadeira amizade: ela não está no romantismo e no sentimentalismo; nem é só um simples querer bem. A amizade vai muito além, ela está num plano superior; ela é intimidade, é gozar da mesma confiança, é amar desprezivelmente, com abnegação e desinteresse, com pureza angélica, respeito e elevação de espírito.

O convívio perfeito supõe ter a Deus no centro: então todas as inclinações se ordenam, esquecem-se os defeitos, o mau gênio ou os azedumes dos outros e passa-se por cima das feridas, procurando apenas admirar a virtude e o desígnio divino a respeito de cada um.

Desejar o bem ao outro é um elemento essencial para que a amizade seja pura, real e cheia de consolações. Não significa ambicionar para o amigo uma viagem de turismo, na qual ele se hospede em excelentes hotéis e frequente bons restaurantes, pois isso seria uma amizade mundana, salvo se houvesse o intuito de aproximá-lo mais do Céu. Mas o melhor a se desejar para alguém –

sobretudo tratando-se de um amigo muito íntimo, a quem estimamos calorosamente – é, isto sim, a salvação eterna, no gozo da presença de Deus, conhecendo-O face a face e amando-O tal como Ele é.

Por isso, a verdadeira amizade às vezes comporta dizer coisas duras pois, vendo alguém periclitando ou encontrando nele uma falha, deve-se procurar corrigi-lo, com o objetivo de ajudar aquela alma a estar inteiramente de acordo com Deus; tal como o médico que toma o bisturi e faz uma incisão para retirar um abscesso infeccionado, a fim de curar o doente.

Um bom vinho, ao ser tomado, deixa seu sabor no fundo do palato e ali vai se requintando e adquirindo maior intensidade, a ponto de causar saudades... Assim também, um amigo verdadeiro é aquele cuja companhia nos faz esquecer tudo o que existe, de tal forma ficamos tomados por sua presença, sentindo da sua parte a disposição de sofrer o que seja necessário por nós, bem como o

empenho, afeto e carinho em nos obter a máxima santificação.

Dr. Plínio: o melhor amigo

Ora, quem teve a felicidade de conhecer um homem como Dr. Plínio pôde comprovar o quanto esses princípios a respeito da amizade chegavam a um grau de complexidade e riqueza incalculável. Se em outras ocasiões ressaltamos aspectos de sua vocação, de sua paternalidade, profetismo ou sabedoria, cabe também focalizá-lo por um ângulo pouco analisado de sua personalidade: o modo de ele se fazer amigo.

Dr. Plínio era o melhor amigo de todos os que dele se aproximavam. Mas, sendo justo, estabelecia um relacionamento amistoso diverso com as pessoas que o rodeavam, adaptado ao que cada um merecia, segundo a luz posta pelo dedo de Deus em toda alma. Por isso, se muitas vezes o vi preocupado ante os problemas e complicações que seus amigos apresentavam, nunca o no-

te abatido ou abalado, pois ele confiava que, apesar das falhas, o plano divino de alguma forma se realiza. Seu trato afável e afetuoso era um convite permanente para a pessoa deixar seus defeitos e abraçar a virtude, com vistas àquele desígnio pelo qual fora chamada a completar a grandeza e a beleza da obra do Criador.

A amplitude de gêneros de amizade em Dr. Plínio era insondável. Ora com o enfermeiro, ora com o barbeiro – contratados para serviços concretos –, ele tinha manifestações de cortesia que ambos jamais encontrariam da parte de ninguém, em nenhum lugar da terra. Por seus parentes ele guardava uma estima fraternal e específica, até o fim. Já com aqueles aos quais estava ligado por um vínculo sobrenatural, mantinha uma amizade sem limites, disposto a fazer por eles todo o necessário, para a vida e para a morte.

E ainda quando essa amizade não era correspondida, ele não a rompia. A um que ousou fazer uso de seu dinheiro de forma desproporcionada, ele continuou a tratar sem nenhuma forma de atrito, apesar dos desmandos. A outro, que era uma alma mesquinha e sentimental, suportava-o como sequer uma mãe o faria, abandonando suas ocupações e abrindo uma brecha em seu escasso tempo para atendê-lo.

A amizade de uma vida inteira

Convivi quarenta anos com Dr. Plínio e posso dizer que o relacionamento com ele esteve coalhado de manifestações de estima, consideração e benquerença extraordinárias. Dado o caráter profundamente grandioso de sua alma, ele possuía um senso de reciprocidade muito grande, pelo qual demonstrava seu contentamento por qualquer benefício recebido, tornando-se grato até o fim da vida.

Por outro lado, desde que o conheci senti-me inteiramente entendido por ele e fui atraído por essa amizade. Ele fez uma solidariedade inteira comigo, adaptou-se ao meu temperamento e gostava do meu modo de ser.



Um amigo verdadeiro é aquele cuja companhia nos faz esquecer tudo o que existe, sentindo da sua parte a disposição de sofrer o que seja necessário por nós, bem como o empenho, afeto e carinho em nos obter a máxima santificação

Dr. Plínio e o então Sr. João no Cemitério da Consolação, São Paulo, em 1992

Também percebeu que eu era um com ele, a ponto de fazer tudo o que me mandasse. Tal imbricamento poderia se definir pelo que os alemães chamam *zusammen sein*, cuja tradução literal é *estar juntos*, mas que encerra um sentido mais rico e significa o prazer de participar de um convívio em que se é um só, e no qual se experimenta intensamente uma profunda união de almas.

Quantos episódios teria para contar a respeito da história dessa amizade de uma vida inteira!

Um amigo se prova sobretudo nas horas de dificuldade, e eu sabia perfeitamente que podia recorrer a ele nas circunstâncias mais variadas e confiar-lhe todos os meus segredos – tanto as fraquezas, quanto os êxitos –, depositando em suas mãos tudo quanto tinha.

Durante minhas viagens, ele estava pronto a me atender ao telefone o tempo necessário, a qualquer momento do dia ou da noite, sem manifestar o menor cansaço. Em situações de humilhação ou em casos que eu, aflito, não sabia como resolver, ali estava ele debruçando-se sobre mim para me apoiar e proteger.

E ainda que eu viesse a cometer os maiores desatinos, tinha a certeza de que, já de antemão, ele me perdoaria e estaria disposto a me socorrer, associando-se à minha situação, sem nenhum receio, como se fosse responsabilidade dele, tal como o sacerdote que absolve todos os pecados no confessionário.

Lembro-me, por exemplo, de que certa vez recebi uma carta muito desagradável, de quinze páginas, na qual o remetente julgava, segundo seus critérios, não ter eu procedido bem.

Perplexo, e não sabendo o efeito que poderia produzir uma resposta minha, consultei Dr. Plínio, pedindo-lhe uma orientação. Terminada a leitura da carta, ele ditou a resposta como se fosse eu mesmo, com minha própria linguagem e escrita!

Esse carinho se manifestava até nos fatos mais simples. Num dia em que



Fotos: Arquivo Revista

Mais do que um pai, Dr. Plínio era um amigo com “A” maiúsculo, sem par, sem fim, sem parâmetro

Dr. Plínio e o Sr. João em 1990

cheguei ao seu apartamento para o almoço com ele, ao descer do carro tomei uma chuva forte. Sentando-me à mesa, ele observou a manga do paletó molhada; então mandou vir uma toalha e pediu que me aproximasse um pouco para ele mesmo me enxugar, dizendo:

— Meu filho, se você ficar molhado, pode se resfriar!

Em outra ocasião, sendo eu estudante da Faculdade de Direito, no ano de 1962, aconteceu que, devido a uma série de ocupações naquele dia, fiquei sem me alimentar desde as seis horas da manhã até as quatro da tarde. Como não tinha no bolso dinheiro para comprar algo, e tampouco havia a quem apelar – pois só Dr. Plínio estava no local onde me encontrava –, pedi-lhe um valor emprestado para almoçar. Ele imediatamente respondeu:

— Tome minha carteira e gaste o que for preciso.

Ao voltar para devolver a carteira e agradecer-lo, ele disse:

— Meu filho, sou eu que tenho de lhe agradecer, porque hoje você me deu

a grande alegria de demonstrar que sou seu pai!

Entretanto, mais do que um pai, ele era um amigo com “A” maiúsculo, sem limites, sem par, sem fim, sem parâmetro... Eu sempre sentia da parte dele um enorme empenho de me fazer alcançar os dons mais elevados e chegar ao auge da perfeição. Em minha vida espiritual, em minha perseverança e devoção a Nossa Senhora, e em tudo de bom que há em mim, ele exerceu um papel fundamental.

Aí está a alegria, conforme as palavras de Nosso Senhor aos Apóstolos: “Eu vos disse isso para que minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena” (Jo 15, 11). A “plena alegria” está em amar a superioridade e entregar-se a quem é mais, com vistas à inteira entrega a Deus. Uma alma que vive nessa perspectiva, possui a verdadeira felicidade. ✦

Excertos de exposições orais
proferidas entre os anos
de 1999 e 2010

Um só coração e uma só alma

Impregnado de mediocridade e materialismo, o mundo atual precisa recuperar o sentido da verdadeira amizade, fundamentada na caridade, e seu valor nas relações humanas.



✠ Pe. Aumir Antonio Scomparin, EP

Há quem diga que a amizade é tão antiga quanto o homem... Com efeito, dotado de natureza sociável, o ser humano tem necessidade de agrupar-se e de se relacionar. Trata-se de uma tendência natural, imortalizada por Cícero como “instinto de sociabilidade”.¹ Todavia, viver em sociedade só é possível pela concórdia, que supõe um relacionamento amistoso, no qual os amigos sinceros se

apoiam entre si, devotam uma aprovação mútua de pensamentos, convicções e comportamentos.

Sem amizade, em quaisquer relações humanas há divisões, sedições e discórdias, ratificando a máxima de ser o homem um lobo a outro homem: “*Lupus est homo homini*”.² É o que podemos contemplar nos primórdios da humanidade, depois do pecado original, ao nos depararmos com a desavença e

o fratricídio: Caim era irmão de Abel, mas não seu amigo, e por isso o matou por inveja (cf. Gn 4, 8).

Infelizmente não precisamos retroceder tanto no tempo, pois o mundo de hoje, impregnado de interesses egoístas e dominado pela mediocridade do materialismo e do hedonismo, parece ter perdido o sentido verdadeiro da amizade. A palavra *amigo* é usada tanto numa fria carta comercial, quanto em uma autêntica relação fraterna, de igual forma. De todos os modos, quase é preciso buscar com lupa um verdadeiro amigo. Nunca foram tão atuais as sábias palavras da Sagrada Escritura: “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclo 6, 14).³

Amizade desde a Antiguidade

Faz-se mister, portanto, resgatar o sentido original da amizade e seu valor nas relações humanas. Aristóteles, o grande teorizador do tema, na *Ética a Nicômaco* ressaltava sua importância e absoluta necessidade: “Sem amigos, ninguém quereria viver, ainda quando possuísse todos os demais bens”.⁴

Pelo senso comum, é também patente a exigência da amizade, mas no que ela consiste propriamente?

Entre os gregos, a amizade partia de relações de benevolência, afetividade, prazer ou mesmo utilidade, fossem



Reprodução

Em nossa sociedade, impregnada de interesses egoístas e movida pelo materialismo e o hedonismo, quase é preciso buscar com lupa um verdadeiro amigo...

“Uma tarde com amigos visitantes”, por Viggo Johansen - Nova Pinacoteca, Munique

pelas contingências humanas ou pela busca da sabedoria. Sua duração dependia do motivo pelo qual se formara. Mas a verdadeira amizade, aquela que perdura e é fiel, esteve mormente vinculada à ideia de virtude. Para o Filósofo,⁵ ao ser posta à prova, fica solidamente estabelecida em um amor desinteressado que une os virtuosos, na busca da mútua perfeição. E mesmo que haja diferenças entre os amigos, se há virtude e um ideal comum, há harmonia entre eles.

Dentre os latinos, a definição clássica cabe a Cícero, na obra *De amicitia*. Ele afirma ser a amizade “a conformidade de todas as coisas divinas e humanas com benevolência e amor”.⁶ E dá um passo a mais, chegando a dizer que “quem contempla um amigo, contempla como um retrato de si mesmo”,⁷ tal a intensidade do vínculo entre ambos.

A ideia primitiva de amizade apareceu com muitos vocábulos conceituais, sobretudo gregos, decorrentes das várias concepções de amor: desde o vocábulo *storgē* – *στοργή*, o afeto natural na família, de pais a filhos e filhos a pais; passando pelo *ēros* – *ἔρως*, o amor de paixão, carnal e romântico; até chegar à *philia* – *φιλία*, termo que mais se aproxima da amizade, por transmitir uma ideia de amor honesto, fraternidade e afeto. Há ainda o *agápē* – *ἀγάπη*, usado pelos filósofos para denotar uma ideia de amor voluntário e altruísta.

Ágape: fundamento da amizade cristã

Contudo, os gregos não tinham noção de um amor completamente desinteressado e desprovido de egoísmo,

como veio a ser o ágape cristão. Foi na literatura bíblica que ele tomou sentido de amizade superior, termo encontrado no Novo Testamento “cento e dezesseis vezes, entre as quais setenta e cinco vezes em São Paulo e vinte e cinco em São João”.⁸



A primitiva ideia grega de amizade não abrangia a noção do amor completamente desinteressado e desprovido de egoísmo, como no ágape cristão: “Como Eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”

Nosso Senhor e São João Evangelista - Igreja de Santo Humberto, Aubel (Bélgica)

Nas traduções latinas das Escrituras, a *philia*, que aparece no Evangelho de São João para expressar as relações de Nosso Senhor com seus discípulos – “Chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai” (Jo 15, 15) –, foi traduzida por amor. O verbo *agapao* – *ἀγαπάω*, do qual provém o substantivo *agápē*, foi traduzido por *diligere* – verbo este que dá origem ao substantivo *dilectio*. Verteu-se *agápē* no latim por *caritas*.

No tratado *De caritate* da *Suma Teológica*, São Tomás de Aquino

“joga com bastante precisão com esses três termos: *amor*, *dilectio*, *caritas*, aos quais será preciso acrescentar o de *amicitia*”,⁹ definindo os fundamentos da amizade cristã. Tomando as antigas intuições sobre a amizade, sobretudo nas Éticas aristotélicas, o Doutor Angélico¹⁰ foi um dos autores que mais a estudou, relacionando-a com a vida social e as virtudes, ressaltando seus aspectos mais importantes, de modo especial a benevolência, a comunicação e a reciprocidade, a partir de uma perspectiva cristã: “Não há nada que provoque mais o amor do que saber que é amado”.¹¹

Essa é a postura do cristão, que reconhece que ama a Deus “porque Deus nos amou primeiro” (I Jo 4, 19). E a filosofia do Evangelho se resume em seu preceito, fundamento da amizade de ágape cristã: “Como Eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34-35).

Modelo divino: a amizade espiritual

Santo Agostinho foi o primeiro autor cristão a elaborar uma teoria acerca da amizade, continuando a deitar sua influência até o Medievo. Nesse período, Ricardo de São Vítor – em *De Trinitate*, sua principal obra – comenta que as pessoas nascem para viver numa comunidade de amor. Ora, para Ricardo, a realização da existência como ser pessoal só pode existir na medida em que haja um *amor por outro*. Há uma intrínseca conexão, portanto, entre a existência da pessoa e a caridade. Na visão desse autor, o amor divino é altruístico e mútuo, e por isso



envolve uma pluralidade: a Trindade de Pessoas. Assim, o amor trinitário atinge sua plena realização não apenas pelo amor mútuo entre Pai e Filho, mas também pela comunicação desse amor com um terceiro, isto é, o Espírito Santo.

O querer bem dos amigos, nessa perspectiva cristã, não é senão um vestígio da pericórese trinitária, modelo divino da amizade cristã de ágape ou caridade, posto que “*Deus caritas est*” (I Jo 4, 8). A caridade é, pois, a amizade do homem para com Deus, e do homem para com o homem por amor a Deus. A amizade natural se torna sobrenatural, “um dos sentimentos humanos mais nobres e elevados que a graça divina purifica e transfigura”.¹²

Não é outro o valor e o sentido da amizade para com o próximo, quando cada um faz parte do mesmo Corpo Místico: “Se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; e se um membro é tratado com carinho, todos os outros se congratulam por ele” (I Cor 12, 26). Esse imbricamento é tão profundo que “os verdadeiros amigos têm uma só alma”,¹³ já afirmava Aristóteles, como a estreita amizade dos primeiros cristãos: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4, 32), em Cristo.

Esse é o amor revelado por Ele a seus amigos, fundamento da comunhão reinante entre os membros da Igreja primitiva, a *koinonía* – κοινωμία, que exprime a unidade dos cristãos, alicerçada nessa amizade toda espiritual. “A amizade é uma comunhão do pensar e do querer. [...]

Na amizade, a minha vontade, crescendo, une-se à d’Ele: a sua vontade torna-se a minha, e é precisamente assim que me torno de verdade eu mesmo”.¹⁴

O exemplo da vida religiosa

Essa amizade sobrenatural teve o auge de seu florescimento na vida monástica. A regra agostiniana exortava os religiosos que viviam em comunidade a serem “*anima una et cor unum*

Cristianizando a ideia de amizade ciceroniana, estabeleceu o valor da amizade humana desde suas origens, com nossos primeiros pais, até sua permanente realização na visão beatífica.

Para ele, a amizade perfeita consiste na expressão de Cícero – a concórdia entre todos os que têm um mesmo sentir do divino e humano, e uma mesma vontade com benevolência e caridade¹⁶ – pois “a amizade é um grau próximo da perfeição, que consiste no conhecimen-

to e no amor a Deus, [de modo que] o homem, de amigo do homem, torna-se amigo de Deus”.¹⁷ Elredo aplica à amizade de ágape o que São João, “amigo de Jesus”, comenta acerca da caridade: “Deus é amizade? [...] O que ele afirma a seguir da caridade, não duvido em aplicá-lo à amizade: *Quem permanece na amizade, permanece em Deus e Deus nele* (cf. I Jo 4, 16)”.¹⁸

As virtudes que brotam da amizade, como a alegria e simpatia, “nascem de Cristo, desenvolvem por Cristo e se perfeioam em Cristo”.¹⁹ Comenta ainda que “através do amor que compartilham os amigos, cada um chega a ser ‘outro eu’ do amigo. É uma ideia parecida à de Aristóteles quando diz que o amigo é para nós como um espelho”.²⁰

Também é possível aplicar esses conceitos à vida consagrada. Numa família religiosa, acrescenta-se ainda o vínculo com o fundador, matriz do amor entre seus filhos espirituais. Ele é um espelho de Deus para seus discípulos.

Com efeito, vários institutos religiosos começaram com a reunião de alguns amigos e discípulos ao redor de



Reprodução

O querer bem dos amigos, na perspectiva cristã, não é senão um vestígio da pericórese trinitária, modelo divino da verdadeira amizade

São Paulo se despede dos efésios -
Basilíca de São Paulo Extramuros, Roma

in Deum”,¹⁵ a terem uma unidade de amizade na caridade.

Séculos mais tarde, merece destaque Elredo, abade do mosteiro cisterciense de Rievaulx, autor da obra *De spirituali amicitia*, que lhe outorgou o epíteto de *Doctor Amicitiae* – Doutor da Amizade.

um mestre, que o buscavam pela fama de santidade. Entre tantos, podemos recordar Santo Antão, São Jerônimo, São Bento, São Francisco e Santa Clara de Assis, São Domingos de Gusmão. Outros constituíam grupos de amigos que se reuniam para falar de seus ideais, como Santo Agostinho, São Bernardo de Claraval, Santo Inácio de Loyola, São Filipe Néri, São João Bosco. Todos com um estilo de vida simples, inicialmente sem regras ou constituições, pois antes de tudo viviam sob a lei da amizade.

Paradigma para a sociedade

Nenhuma instituição religiosa teria resistido aos séculos sem esse forte vínculo com o fundador, matriz de vitalidade para cada instituto, pois o anúncio do ideal dos fundadores se personifica e passa a ser ponto de referência e modelo.²¹ Para o religioso, ser fiel ao carisma fundacional e progredir nas vias da caridade, que não é senão a amizade agápica, consiste em assimilar o espírito do fundador²² e assemelhar-se a ele, ser um “retrato” dele.

Toda a humanidade está chamada a assemelhar-se ao Pai, seu fim último, por meio da caridade nas relações humanas. Isso, porém, só se tor-



Reprodução

Numa família religiosa, acrescenta-se ainda o vínculo com o fundador, matriz do amor entre seus filhos espirituais e espelho de Deus para seus discípulos

“São Bento admitindo São Mauro e São Plácido na Ordem Beneditina”,
por Lorenzo Monaco - Galeria Nacional, Londres

na possível na presença da verdadeira amizade, pois “aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (I Jo 4, 20). Faz-se necessário, pois, resgatar a amizade autenticamente cristã, isto é, a que tem como modelo o ágape do Filho, cujo amor alcançou o auge de dar “a sua vida por seus amigos” (Jo 15, 13).

Por último, cabe mencionar o papel de Nossa Senhora. Foi por meio de Maria Santíssima, a amiga dos noivos da Bodas de Caná (cf. Jo 2, 3-5), que Cristo salvou aquela festa de casamento. Também será por meio d’Ela que o Divino Paráclito renovará a face da terra, ao restaurar nas almas a verdadeira caridade. Só assim todos serão “*cor unum et anima una*” (At 4, 32). ✠

¹ CÍCERO, Marco Túlio. *De re publica*. L.I, c.25, n.39.

² PLAUTO, Tito Mácio. *Asinaria*. Act.II, c.4.

³ O presente artigo tomou como base a Tese de Doutorado Canônico em Filosofia (magna cum laude), pela Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, Colômbia (2020), do mesmo autor, intitulada: *Amistad en las órdenes religiosas: su fundamento filosófico y su contribución como ágape, en función del fundador*.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. L.VIII, c.1.

⁵ Cf. idem. *Ética a Eudemo*. L.VII, c.1-3.

⁶ CÍCERO, Marco Túlio. *De amicitia*, n.20.

⁷ Ibid., n.23.

⁸ HENRY, Antonin-Marcel. Introdução a “A caridade”. In: SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012, v.V, p.287.

⁹ Ibid.

¹⁰ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.23, a.1.

¹¹ Idem. *De rationibus fidei*, c.V.

¹² BENTO XVI. *Audiência geral*, 15/9/2010.

¹³ ARISTÓTELES. *Ética a Eudemo*. L.VII, c.6.

¹⁴ BENTO XVI. *Homilia*, 29/6/2011.

¹⁵ Do latim: “Um só coração e uma só alma em Deus” (SANTO AGOSTINHO. *Præceptum*. Pars I, c.I, n.2.).

¹⁶ Cf. ELREDO DE RIEVAULX. *De spirituali amicitia*. L.I, n.13.

¹⁷ Ibid., L.II, n.14.

¹⁸ Ibid., L.I, n.69-70.

¹⁹ Ibid., L.II, n.20.

²⁰ WADELL, Paul Joseph. *La primacía del amor. Una introducción a la ética de Tomás de Aquino*. 2.ed. Madrid: Palabra, 2007, p.139.

²¹ Cf. CIARDI, Fabio. *Los fundadores, hombres del espíritu. Para una teología del carisma de fundador*. Madrid: Paulinas, 1983, p.300.

²² Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Vita consecrata*, n.36.

Dize-me com quem andas...

As más amizades são um dos piores obstáculos para nossa salvação. Mas como distinguir os maus amigos? Como não se deixar influenciar por eles?

✦ Lucas Rezende de Sousa



T imaginemos que Deus nos tenha concedido a possibilidade de criar. Não um ser qualquer, mas um homem; não apenas um homem, mas um amigo; não somente um amigo, mas o amigo ideal. Logo passamos a reunir nele toda espécie de qualidades: trato ameno, paciência, inteligência, força de vontade, virtudes as mais diversas. Idealizamos alguém que seja agradável, nutra sentimentos semelhantes aos nossos e partilhe conosco dos mesmos gostos.

Quando estamos a ponto de criar essa obra-prima, ouvimos Deus dizer-nos que, dentre todas aquelas qualidades, nosso amigo poderá ter apenas

uma. Perplexos, começamos o processo inverso, um doloroso despojamento de desejados atributos. Afinal, o que escolheremos: paciência ou força de vontade, inteligência ou trato afável?

Os franceses chamariam essa situação de *embarras du choix*, algo como “constrangimento da escolha”.

A solução, porém, torna-se muito simples se considerarmos que um amigo é como um companheiro de viagem. Ainda que existisse uma pessoa capaz de reunir em si todas as características de um amigo ideal a ponto de ser quase um anjo, nunca a escolheríamos para nos acompanhar numa viagem se não fosse dotada de uma específica: ter o mesmo destino que nós.

Pois bem, na mais augusta viagem, a da vida rumo à eternidade, cumpre considerar com especial seriedade a escolha daqueles que nos farão companhia. Do contrário, pode acontecer que perigosas amizades, com

caminhos diversos dos nossos, conduzam-nos a outros destinos...

Más amizades ou veladas inimizades?

A quem dissesse “eu não tenho inimigos”, responderíamos com um antigo pensador: “Por acaso não tendes nenhum amigo?”¹ Às vezes, nossos piores inimigos não estão tão longe quanto imaginamos, de modo que importa também pedir a Deus que nos guarde não só contra os inimigos, mas também contra *maus amigos*.

Maus amigos: talvez seja difícil encontrar combinação de palavras tão desajustada e incoerente. Pode acaso um *amigo* ser *mau*? É a amizade uma profissão que possa ser bem ou mal desempenhada? Obviamente, não. Antes, ela faz parte daquela esteira de realidades tão radicais que, uma vez qualificadas, mudam de espécie: as virtudes.²

Com efeito, não se chama de injustiça à “má justiça” nem de intemperança à “má temperança”. O implacável “in” que colocamos nestas palavras não indica deturpação, mas sim negação: *in-justiça* é ausência de justiça, como *in-temperança*

Às vezes, nossos piores inimigos não estão tão longe quanto imaginamos; importa pedir a Deus que nos guarde contra maus amigos

“Cena de taberna”, por David Teniers - Galeria Nacional de Arte, Washington



Francisco Lecaros



Reprodução

é ausência de temperança. Assim, por que consideramos como *má amizade* algo que, no fundo, é uma *in-imizade*? Guardemos isto: um mau amigo revela-se sempre um inimigo da nossa alma. Se o seguirmos em seu caminho, poderemos chegar a qualquer lugar, menos ao Reino dos Céus: por sua loucura, pereceremos com ele (cf. Eclo 8, 18).

Agora, como descobrir os falsos amigos? São como lobos com pele de ovelha (cf. Mt 7, 15)... Muitos deles se camuflam prodigiosamente bem, é verdade, mas vejamos alguns sintomas da falsa amizade: são as garras e os dentes lupinos que perfuram o disfarce.

Anestesista de consciência

Há quem considere a amizade como capacidade de ser cúmplice. Segundo esses, amigo verdadeiro é aquele que faz vistas grossas para os defeitos alheios. Se a consciência se encontra sensível ou dolorida, basta procurá-lo: ele tem todas as “anestesias”. Sua bondade e estima em relação a nós vão tão longe que ele não ousa causar-nos o menor descontentamento. Nessa lógica, sua atitude se compara à de um médico que deixa seu paciente morrer no lugar de submetê-lo à amargura dos remédios que poderiam curá-lo...

Mas a realidade é outra: a amizade existe para ser companheira das virtu-

O mau amigo, ou melhor, o inimigo disfarçado, dispensa emprego: seu ganha-pão é bajular, seu salário é seu próprio amigo. Presentes nos momentos felizes, pois são exímios companheiros na alegria, rara vez o são na tristeza

“O filho pródigo gastando seu dinheiro em uma vida desregrada”, por Franz Christoph Janneck; em destaque, “Os cambistas”, por Marinus van Reymerswaele - Museu de Belas Artes, Nancy (França)

des, não dos vícios.³ O amigo de verdade é aquele que consola na provação, sustenta na aridez, auxilia na virtude e corrige de modo fraterno nossos desvios. Um bom conselho dado sabiamente e recebido com gratidão, mesmo quando tenha o medicinal sabor da reprimenda, une duas almas com vínculos mais sólidos e mais resistentes que um diamante.

Abutre de triunfos alheios

O mau amigo, ou melhor, o inimigo disfarçado, dispensa emprego: seu ganha-pão é bajular, seu salário é seu próprio amigo.

Não confundamos, porém, adulação ou bajulação com elogio e desejo de agradar. Por dever de justiça, as obras boas devem ser elogiadas, e não constitui pecado buscar agradar os que convivem conosco. Entretanto, isso não pode ser feito com a intenção de auferir lucro.⁴

O bajulador encontra-se muito bem ilustrado em uma das consagradas fábulas de Jean de La Fontaine. Estava um corvo sobre uma árvore, com um pedaço de queijo no bico, quan-

do se aproximou uma raposa dizendo-lhe: “Bom dia, mestre corvo, meu senhor. Que bonito sois! Que penas, que esplendor!”⁵ E, continuando a elogiá-lo, pediu-lhe que cantasse a fim de ouvir sua voz “maravilhosa”. O corvo, pensando ser harmoniosa melodia o seu grasnido, abriu o bico a cantar, enquanto via o queijo cair e ser apanhado pela raposa... O próprio autor coloca nos lábios do mais sagaz dos animais a moral da história: “Meu senhor, aprendei que o adulator vive à custa de quem lhe dá atenção. Vale um queijo por certo esta lição”.⁶

Contudo, tenhamos cuidado não só com os bajuladores, mas também com aquela espécie de amigos demasiado ávidos de nossos triunfos, sempre presentes nos momentos felizes, pois os exímios companheiros na alegria rara vez o são na tristeza. Nesse sentido, com razão nos aconselha a sabedoria de Deus: “Se adquirires um amigo, adquire-o na provação, não confies nele tão depressa. Pois há amigos em certas horas que deixarão de o ser no dia da aflição. Há amigo que se torna inimigo, e há amigo que



desvendará ódios, querelas e disputas; há amigo que só o é para a mesa, e que deixará de o ser no dia da desgraça” (Eclo 6, 7-10).

Alérgico a fracassos: traidor

Trata-se agora do verso da moeda. Diz-se que “o amigo certo se encontra na hora incerta”.⁷ Mas poderíamos dizer ademais – e ainda com maior razão – que o *falso amigo* é encontrado na hora incerta: sua ausência o condena.

Nessa perspectiva, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira⁸ narrou um fato assaz eloquente.

Certa vez, estava ele num restaurante e pôde observar um jovem que, triste e meditativo, conversava com o dono do local: “Quando eu tinha duas pernas”, lamentava-se, “vivía rodeado de amigos e era muito estimado. Desde que perdi esta perna, meus amigos me abandonaram”.

Que homem infeliz, dir-se-ia, pois perdeu seus amigos! Mas analisemos: que classe de amigos eram esses? O verdadeiro amigo não é aquele que busca duas pernas, mas aquele que busca levar uma alma para o Céu. Feliz desse jovem: perdendo a perna, livrou-se dos inimigos de sua salvação. Além disso, o sofrimento e até mesmo o isolamento tornaram-no uma pessoa madura, capaz de indagar-se sobre a razão dos fatos de sua vida. Que presente da Providência: não lhe deu amigos, mas o livrou dos inimigos.



Reprodução

Os maus amigos nos abandonam quando mais precisamos deles. E seu caminho não termina por aí, pois infelizmente o mau amigo é um traidor em potência

“A expulsão do filho pródigo”, por Lambert Doomer

Contudo, comprova-se por esse episódio como os maus amigos nos abandonam quando mais precisamos deles. E seu caminho não termina por aí, pois infelizmente o mau amigo é um traidor em potência: “Até o próprio amigo em que eu confiava”, declama o salmista, “que partilhava do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Sl 40, 10). Basta evocar a triste história de Judas, o mau amigo por excelência, que ousou trair Jesus Cristo com um cínico gesto de amizade, um beijo sujo e infame (cf. Mt 26, 48-49).

A remédio: salutar, eficiente, único

Cúmplice, bajulador, ávido de triunfos, alérgico aos reveses e traidor: eis alguns traços da fisionomia moral de um mau amigo. Entretanto, nada disso constitui a essência da companhia nociva; trata-se apenas de sintomas.

Uma amizade é prejudicial quando nos desvia do caminho do Céu. Em outras palavras, quem nos leva ao pecado ou nos aparta da virtude é um mau amigo – ou melhor, um inimigo de nossa alma.

Agora, como não nos deixar influenciar pelas más amizades? Só há um remédio: afastar-nos delas.

O senso comum e a experiência no-lo indicam: uma fruta podre estraga as outras. E a Escritura ainda reitera: “Um pouco de fermento, leveda a massa toda (I Cor 5, 6); “Quem toca no betume ficará manchado; e

quem trata com o orgulhoso, se tornará orgulhoso” (Eclo 13, 1). Até mesmo a solidão é melhor companhia do que o mau amigo, como reza o ditado: “Antes só do que mal acompanhado”.

Todos podemos comprovar que o contato com pessoas que nos levam ao pecado é um dos mais perigosos obstáculos para a salvação. Ciente disso, São Paulo já exortava aos primeiros cristãos: “Não vos deixeis enganar: ‘Más companhias corrompem bons costumes’” (I Cor 15, 33).

Se formos vigilantes quanto às nossas amizades, pelo favor de Nossa Senhora, certamente rumaremos para a amizade beatífica e eterna, pois, em certo sentido, a vida de um homem pode se definir pela qualidade de amigos que ele teve. Não seria surpresa ouvir de Deus no juízo particular: “Dize-Me com quem andaste, e Eu te direi para onde vais”. ✚

¹ Cf. PLUTARCO. *Como tirar proveito dos seus inimigos*, 86C.

³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Laelius de amicitia*, c.XXII, n.83.

⁵ LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas*. São Paulo: Melhoramentos, 1962, p.50.

⁷ “*Amicus certus in re incerta cernitur*” (CÍCERO, op. cit., c.XVII, n.64).

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.114, a.1.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.115, a.1.

⁶ Ibid, p.50-51.

⁸ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 12/10/1972.



Adulação: um pecado?

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§ 2480 Deve-se proscrever qualquer palavra ou atitude que, por bajulação, adulação ou complacência, encoraje e confirme o outro na malícia de seus atos e na perversidade de sua conduta. A adulação é uma falta grave quando cúmplice de vícios ou de pecados graves. O desejo de prestar serviço ou a amizade não justificam uma duplicidade da linguagem. A adulação é um pecado venial quando deseja somente ser agradável, evitar um mal, remediar uma necessidade, obter vantagens legítimas.

O trecho do *Catecismo* aponta três pecados interligados: a adulação, a bajulação e a complacência. Concentra-se sobre o primeiro, cujo significado é “sedução por meio de falso louvor”.¹ O seu étimo latino *adulari* remonta ao ato de fazer carícias – especialmente em animais. No fundo, o adulator é um acariciador do ego alheio.

Contudo, surge uma questão fundamental: será todo louvor um ato pecaminoso? São Tomás de Aquino ensina que os louvores podem ser lícitos ou ilícitos, a depender das circunstâncias.

Elogiar alguém com o objetivo de lhe dar consolação nas tribulações, estimular nos esforços ou favorecer no progresso no bem, constitui ato de caridade, conforme a virtude da amizade.² Da mesma forma, é conforme à razão honrar superiores por sua dignidade ou excelências, pela virtude da *dulia*, que presta honra a quem se deve.³ O reconhecimento do mérito alheio não é apenas permitido, mas, em certos casos, um dever de justiça.

Com efeito, a amizade e a *dulia* derivam da virtude cardinal da justiça, definida como a “vontade constante e perpétua de dar a cada um o seu direito” ou “dar a cada um o que é seu”.⁴

Por esse prisma, é possível compreender a malícia do adulator, o qual, embora pareça agir conforme a justiça

ao prestar honras, na realidade atenta contra ela ao procurar vantagens pessoais de modo fraudulento. Favorece a mentira, atribuindo ao próximo qualidades inexistentes, exagerando outras ou, pior, aprovando condutas censuráveis. Mais ainda, fere a justiça que exige veracidade para o convívio harmônico entre os homens. O verso da moeda é a detração, que adultera a verdade para atingir a reputação alheia.

Em contrapartida, “apesar de ter como objeto principal dar prazer àqueles que convivem”, a virtude da amizade “não teme causar pena, quando isto se faz necessário para conquistar um bem ou afastar um mal”.⁵

Na visão tomista, colhida pelo *Catecismo*, a adulação sempre é pecado mortal quando atenta contra a caridade, aprovando ou incentivando o pecado grave do próximo. Será pecado venial se é movida pelo desejo de agradar, evitar o mal ou conseguir algo necessário.⁶

Sob a máscara da cortesia, a adulação penetra no convívio de modo ardiloso, quase imperceptível. É premente a circunspeção, pois “o homem que lison-

jeia seu amigo, estende uma armadilha a seus passos” (Pr 29, 5). E as consequências podem ser muito perniciosas: “Mais dano faz a língua do adulator que a mão do assassino”.⁷ O adulator não mata o corpo, mata a verdade e a alma. ✚

¹ SANTO AGOSTINHO. *Sermão 353*, c.1.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.115, a.1, ad 1.

³ Cf. *ibid.*, q.103, *in toto*.

⁴ *Ibid.*, q.58, a.1.

⁵ *Ibid.*, q.115, a.1.

⁶ Cf. *ibid.*, a.2.

⁷ SANTO AGOSTINHO. *Enarrationes in Psalmos*. Psalmum LXIX, n.5.

**Acariciador do ego alheio,
o adulator não mata o corpo,
mas a alma e a verdade**

Retorno de Napoleão da Ilha de Elba, por
Charles de Steuben - Coleção particular





Fina flor do relacionamento humano

As amizades têm sempre repercussão diante da Providência e na História, por insignificantes que pareçam aos nossos próprios olhos. Provam-no diversos exemplos que iluminaram as páginas do Antigo Testamento.



✠ Mariana Xavier Rosário

Ao criar-nos com instinto de sociabilidade, o Divino Artífice imprimiu na alma humana a necessidade da ajuda mútua. Na admiração recíproca pelos dons recebidos por cada um, somos chamados a melhor servi-Lo, amá-Lo e louvá-Lo.

Tal interdependência não se reduz a certa conveniência, mas revela-se uma realidade evidente e inconteste. Ninguém é, por si só, o seu próprio mestre ou o próprio médico; somos, por natu-

reza, seres contingentes. E essa dependência transcende o plano material: no campo sobrenatural, necessitamos uns dos outros para trilhar o caminho da virtude e cumprir nossa vocação.

Nessa vasta trama de dependências, a amizade surge como arrimo sublime na busca pela santidade. O próprio Deus Humanado quis desfrutar da amizade com os Apóstolos (cf. Jo 15, 15) e Lázaro (cf. Jo 11, 11) como seus íntimos. Contudo, muito antes da

Encarnação, o Antigo Testamento já nos oferecia, em suas páginas, luminosos ensinamentos a esse respeito, entre os quais se destaca o seguinte trecho do Eclesiástico:

“Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé. Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo. Quem teme ao Senhor terá também uma excelente amizade, pois seu amigo lhe será semelhante” (6, 14-17).

Consideremos com vagar cada uma dessas frases, a partir de três exemplos veterotestamentários de verdadeira amizade.

“Amava-o como a si mesmo”

A leal união entre Davi e Jônatas chama a atenção como o mais conhecido exemplo de amizade na Antiga Aliança.

O Rei Saul, pai de Jônatas, havia prevaricado e traído sua missão, motivo pelo qual o profeta Samuel o avisara que Deus escolheria outro monarca em seu lugar. Ao perceber, pois, evidentes sinais de predileção divina sobre Davi, que fora de fato ungido pelo profeta, Saul tomou-se de inveja e passou



Leandro Souza

Ao criar-nos com instinto de sociabilidade, o Divino Artífice imprimiu na alma humana a necessidade da ajuda mútua. Na admiração recíproca pelos dons recebidos, somos chamados a melhor servi-Lo, amá-Lo e louvá-Lo

Refeição na Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

a nutrir contra ele um ódio mortal.

Jônatas, porém, afeiçoara-se a Davi e o amava como a si mesmo (cf. I Sm 18, 1). Embora a ascensão do filho de Jessé significasse que ele perderia o trono, ao qual teria direito por hereditariedade, em momento algum invejou aquele que tomara por amigo. Pelo contrário, disse-lhe: “Tu reinarás sobre Israel, e eu serei o teu segundo” (I Sm 23, 17). E não temeu enfrentar o próprio pai, avisando Davi dos planos e estratégias tramados contra ele e o protegendo, para que não fosse morto por Saul.

A partir de frases de um diálogo entre Jônatas e Saul, Santo Elredo de Rievaulx ressalta a beleza da atitude tomada pelo primeiro: “Quando [Saul] pronunciou sentença de morte contra Davi, Jônatas não abandonou o amigo. ‘Por que deve morrer Davi? Em que ele pecou? Que fez ele?’ [...] A tais palavras, louco de cólera, o rei tentou transpassar Jônatas, com uma lança contra a parede [...]. Depois vomitou todo o veneno sobre o coração do jovem, acrescentando incentivo à sua ambição, alimento à inveja, estímulo à rivalidade e à amargura: ‘Enquanto viver o filho de Jessé, não se estabelecerá o teu reino’. Quem não se abalaria com tais palavras? Quem não se encheria de inveja? Que amor, que agrado, que amizade elas não corromperiam, não diminuiriam, não fariam esquecer? Jônatas, jovem cheio de amor, guardou o pacto da amizade, forte contra as ameaças, paciente contra o furor, desprezou o reino por causa da amizade, esquecido das glórias, mas lembrando-se da graça”.¹ Desprezando a glória e o poder, preferiu a honra do amigo do que própria.

“Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclo 6, 14). Bem podemos afirmar que Jônatas, cuja amizade era mais



Reprodução

Jônatas salvou não apenas a vida de seu amigo, mas também a sua descendência, da qual nasceria séculos mais tarde o Messias

Saul ordena a morte de Davi, e Jônatas o adverte sobre isso.
Iluminura da Bíblia Morgan - Biblioteca Pierpont Morgan, Nova York

preciosa a Davi que qualquer outro afeto terreno (cf. II Sm 1, 26), salvou não apenas a vida de seu amigo, mas também a sua descendência, da qual nasceria séculos mais tarde o Messias.

Amizade mais preciosa que sete filhos!

Remontando à genealogia do Homem-Deus, exposta no início do Evangelho de São Mateus (cf. Mt 1, 1-16), talvez cause estranheza o fato de Rute, bisavó do Rei Davi e uma das poucas mulheres ali mencionadas, não ser judia, mas sim moabita. Ela mereceu, entretanto, a honra de ser antepassada do Messias, como se constata em sua história.

Rute – nome hebraico que significa “amiga” – casou-se com Maalon, filho de uma viúva judia, chamada Noemi. Esta possuía ainda um segundo filho, Quelson, casado com outra moabita de nome Orfa. Aconteceu, porém, que os dois filhos de Noemi morreram, deixando-a completamente só. Resignada com sua sorte, a anciã chamou então suas jovens noras e insistiu que voltassem às suas famílias, onde poderiam contrair novo casamento e iniciar nova vida.

Orfa lamentou-se muito, pois estimava sua sogra, mas afinal acabou

partindo. Rute, porém, não querendo abandoná-la, respondeu: “Não insistas comigo para que eu te deixe e me vá longe de ti. Aonde fores, eu irei, aonde habitares, habitarei. O teu povo é meu povo, e o teu Deus, meu Deus. Na terra em que morreres, quero também eu morrer e aí ser sepultada. O Senhor trate-me com todo o rigor, se outra coisa a não ser a morte, me separar de ti!” (Rt 1, 16-17). Deixando, pois, sua nação e seus costumes, ela se pôs ao serviço de Noemi.

A partir desse momento, a companhia de Rute passou a ser a herança de sua sogra. E Deus recompensou tal ato de generosidade, ao conceder a Rute casar-se novamente com um parente abastado de Noemi, chamado Booz, e dar à luz um filho. Assim, a tristeza da virtuosa viúva transformou-se em consolo, como narra a Escritura: “As mulheres diziam a Noemi: ‘Bendito seja Deus, que não te recusou um libertador neste dia. Que o teu nome seja, um dia, célebre em Israel! Ele te dará a vida e será o sustentáculo de tua velhice, porque tua nora, aquela que o gerou, é que te ama e é para ti mais preciosa que sete filhos!’” (Rt 4, 14-15).

A amizade leal e desprentensiva de Rute fez jus, enfim, ao elogio do Eclesiástico: “Nada é comparável a um



Reprodução

A amizade leal e despretensiosa de Rute fez jus ao elogio do Eclesiástico: “Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé”

Noemi e Rute, por Julius Schnorr von Carolsfeld

amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé” (Eclo 6, 15).

“O espírito de Elias repousa em Eliseu”

Percorrendo um pouco mais as páginas da história de Israel, encontramos as figuras de Elias e Eliseu, não apenas num vínculo de mestre e discípulo, mas como duas almas atraídas pelo mesmo fogo de zelo divino, fundindo-se numa aliança de inquebrantável amizade.

A respeito de Elias, a Escritura afirma: “Bem-aventurados os que te conheceram e foram honrados com a tua amizade” (Eclo 48, 11), o que se aplica sobremaneira a Eliseu, o qual não apenas conviveu com ele, mas também se pôs ao seu serviço num relacionamento de profunda afeição.

O chamado de Eliseu à missão profética, narrado no Primeiro Livro dos Reis, revela a imediatez de um espírito que, ao encontrar um verdadeiro amigo, abandona tudo sem hesita-

ção. Estava ele trabalhando no campo, quando Elias aproximou-se e jogou o manto sobre seu escolhido. Este, deixando imediatamente o arado, correu atrás de quem assim o confiscava e, depois de se despedir de seus familiares, partiu para servi-lo, abraçando uma comunhão de vida (cf. I Rs 19, 19-21). Eliseu encontrou em Elias um “outro eu”.

Caminhando juntos, por três vezes Elias ordenou que o deixasse seguir sozinho, e por três vezes recebeu a mesma negativa: “Por Deus e por tua vida [...] não te deixarei” (II Rs 2, 2.4.6). A adesão cheia de afeto de Eliseu a Elias não deixou de crescer a cada dia, como bem demonstra o episódio do arrebatamento desse grande profeta num carro de fogo (cf. II Rs 2, 11-12). O relato bíblico evidencia a angústia pela iminente separação daqueles que eram uma só alma e um só coração.

Por essa amizade autêntica, provada na comunhão de ideais, Eliseu recebeu como herança a dupla porção do espírito de Elias, razão pela qual os filhos dos

profetas, ao verem-no dividir as águas do Jordão, exclamaram: “O Espírito de Elias repousa em Eliseu” (II Rs 2, 15). Eis um selo palpável da união daquelas duas almas.

“Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo. Quem teme ao Senhor terá também uma excelente amizade, pois seu amigo lhe será semelhante” (Eclo 6, 16-17). Eliseu, por seu zelo no amor, tornou-se um outro Elias, imortalizando aquele vínculo na comunhão com o espírito de seu mestre.

Seriedade do relacionamento humano

Esses exemplos de verdadeira amizade mostram-nos como esta é o ápice do relacionamento humano, tornando-se muitas vezes até necessária para o cumprimento dos desígnios divinos na História.

Com efeito, não fosse a fidelidade de Rute a Noemi, o Rei Davi não teria nascido e a linhagem do Messias ficaria interrompida. O mesmo Davi quicá nem teria subido ao trono se não fosse a leal amizade de Jônatas. E o que seria dos israelitas se não houvesse Elias e Eliseu a transmitir-lhes a palavras de Deus e a libertá-los do pecado de idolatria? Mais: a amizade de ambos constituiu o primeiro elo do filão elíptico que, germinado entre os profetas do Monte Carmelo, desabrochou séculos depois na Ordem do Carmo.

Compreende-se, pois, a seriedade de nossas relações com o próximo, as quais repercutem, com maior ou menor alcance de acordo com o chamado de cada um, ante a Providência. Que pela intercessão da Santíssima Virgem se estabeleça o quanto antes entre os homens o relacionamento pervadido de mútuo respeito e afeto leal e vigoroso que deve caracterizar a era marial por Ela prometida em Fátima. ✠

¹ SANTO ELREDO DE RIEVAULX. *De spirituali amicitia*. L.III: PL195, 693.



É mais meritório amar um inimigo ou um amigo?

Pe. Cyril Avinash, EP



Avinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e a revelação do mandamento do amor transformaram profundamente o relacionamento humano. Até então, a justiça se limitava ao rigor da lei de talião: “Olho por olho e dente por dente” (Ex 21, 24). Ao proferir as divinas palavras: “Fazei bem aos que vos odeiam” (Mt 5, 44), o Mestre elevou a convivência entre os homens a inédito patamar, transcendendo a pura reciprocidade.

Isso considerado, afigura-se mais meritório amar um inimigo do que um amigo. A experiência cotidiana atesta a dificuldade dessa tarefa... O próprio Nosso Senhor questiona: “Amái os vossos inimigos [...]. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?” (Mt 5, 44.46). Por isso, pareceria lógico inferir que aquilo que exige maior esforço seja também mais meritório.

Num artigo dedicado a esse tema (cf. *Suma Teológica*. II-II, q.27, a.7), o Aquinate lança uma pergunta inversa: o que seria pior, odiar um amigo ou um inimigo? A resposta não deixa margem a dúvida: odiar um amigo, que nos é mais próximo e nos ama, constitui falta muito mais grave. Por simetria, conclui o Doutor Comum com toda a simplicidade: “É melhor amar o melhor”, pois o amigo que nos ama é melhor do que o

inimigo que nos odeia, e o que é melhor é, necessariamente, mais meritório.

Alguém poderá objetar que o amor aos amigos é frequentemente contaminado por egoísmo, interesses pessoais, hedonismo etc., ao passo que o amor ao inimigo exige o amor a Deus como seu motivo. O Doutor Angélico concede que essa objeção tem fundamento, acrescentando que o amor a Deus se re-

vela mais intenso quando dilata o coração do homem para abraçar objetos distantes, como os inimigos, “tal como a potência do fogo se manifesta tanto mais forte quanto mais longe difunde o seu calor”. Essa extensão requer, por óbvio, maior “combustível”, a saber, a virtude da caridade.

O Aquinate ainda indaga: e o amor ao amigo fundamentado no amor a Deus?

Retomando a mesma metáfora, ele observa que o fogo age com mais vigor sobre o que está mais próximo do que aquilo que está distante. Analogamente, a verdadeira caridade nos faz amar com mais ardor os mais próximos. Tal amor não apenas é mais ardente, mas é também mais meritório, pois tem como causa o próprio Deus – e não o simples afeto humano.

Por essas considerações, São Tomás nos aporta uma valiosa lição: o amor aos amigos, quando restrito ao mero companheirismo, carece de mérito sobrenatural. Contudo, se amarmos o próximo por verdadeira caridade não somente alcançaremos a plenitude das graças de Deus – “o amor é vínculo de perfeição” (Cl 3, 14) –, mas também seremos dignos herdeiros dos primeiros cristãos, objeto de exclamação dos próprios pagãos: “Vede como eles se amam” (Tertuliano. *Apologético*, c.XXXIX, n.7). ✚



Saiko (CC by 3.0)

Com o mandamento do amor, Nosso Senhor elevou a convivência entre os homens a um patamar que transcende a pura reciprocidade

O encontro de São Domingos e São Francisco, por Fra Angélico - Gemäldegalerie, Berlim



Alegria de fazer o bem

O respeito, a bondade e o desinteresse parecem ausentar-se cada vez mais do relacionamento humano. Em consequência, a alegria no convívio se rarefaz... O que poderia devolver à sociedade a doçura de viver?

✎ **Plínio Corrêa de Oliveira**

O tema do trato cavalheiresco me faz recordar uma porção de coisas dos meus tempos de menino, em que o problema do relacio-

namento e da vida em sociedade começava a aflorar em meu espírito.

Amizade nos antigos tempos

Minha mãe contava fatos de conhecidos que eram amigos reais uns dos outros, mas até de espantar. Ela narrava, por exemplo, o que ocorreu com meu avô.

Ele herdara umas terras no interior de São Paulo. Naquele tempo – bem mais de cem anos atrás –, Pirassununga, Araraquara, São Carlos, essas regiões que estão tão próximas de nós, eram sertão.

Meu avô resolveu estabelecer uma fazenda. Entretanto, havia sido educado na cidade de São Paulo e não tinha a menor ideia das coisas do campo. Um amigo dele do tempo de menino, possuindo negócios naquela zona, passou pela propriedade de meu avô, viu que estava mal organizada e foi falar com ele. Ambos se tratavam pelo apelido de infância: o amigo, chamado Estanislau, era tratado de Lalau; e o meu avô, Antônio, de Totó.

O Lalau disse para o Totó:

— Olhe, Totó, sua fazenda é uma vergonha! Você precisa me comprar mais tantos escravos¹ e não pense na sua fazenda, não apareça lá, não me pergunte nada. Apenas, a cada ano, dê-me um cheque de tanto para pagar as despesas. Daqui a cinco anos, eu lhe dou uma fazenda inteiramente formada, com um cafezal produzindo, e uma conta bancária aberta para mim, em seu nome, com o lucro.

Meu avô achou a ideia muito interessante; comprou os escravos, entregou-os ao Lalau e não interferiu mais nos negócios da fazenda. Nem conversavam sobre o assunto. Cumprido o prazo, o Lalau – que aliás era um barão do império – procurou meu avô e disse:

— Olha, Totó, vamos agora ver a sua fazenda. Está pronta, você vai ficar contente.

Foram juntos, e estava um primor, florescente. Então meu avô quis dar-lhe um pagamento, mas o Lalau respondeu:

— Nem me fale nisso, está proibido! Porque eu fiz isso por amizade a você.

Eu olhava para meus companheiros e me perguntava: “Quem faz isso hoje?” No meu tempo de infância, ou pagava-se muito bem – e ainda se examinava as contas, para ver se não tinha havido roubo –, ou saía um desastre. E ficava esta interrogação na cabeça: “O tempo dos amigos acabou?”

Conversas nimbadas por um respeito especial

Eu observava as pessoas antigas, da idade de meus pais e, sobretudo, dos meus avós, e notava como o modo de se relacionarem era diferente: tratavam-se com uma forma de respeito que na minha geração já não havia.

Minha avó tinha uma amiga, com a qual manteve amizade até o fim da



"Eu observava as pessoas antigas, da idade de meus pais e, sobretudo, dos meus avós, e notava como o modo de se relacionarem era diferente: tratavam-se com uma forma de respeito que na minha geração já não havia"

Dr. Antônio e Da. Gabriela,
avós maternos de Dr. Plínio

vida. Elas eram duas senhoras exemplarmente bonitas, não só por terem o rosto benfeito – como pode ser uma boneca de vidro –, mas por serem muito finas, elegantes.

As duas tinham se conhecido quando mocinhas. As casas delas, na São Paulinho minúscula daquele tempo, eram relativamente próximas. Não havia telefone, e uma moça só podia sair à rua com alguém da família; sozinha, nunca. Elas então – muitas vezes com vontade de se encontrar, mas sem alguém para acompanhá-las – numa hora marcada punham-se nas janelas das respectivas casas, com binóculo, e faziam sinais, comunicavam-se por gestos, conversavam.

Ambas, depois, tornaram-se fazendeiras no interior de São Paulo e passaram alguns anos sem se verem, porque as propriedades eram muito distantes. Posteriormente, os maridos voltaram a morar em São Paulo e elas retomaram a amizade.

Eu as conheci já bem idosas. Essa senhora ia visitar minha avó todas as semanas, num dia fixo. Sentavam-se e começava a prosa. Em geral aparecia alguma pessoa da família e participava um pouco da conversa, mas logo se retirava, porque elas gostavam de tratar sobre assuntos dos tempos delas e suas recordações. Era mais carinhoso deixá-las a sós.

Mas eu lamentava, porque queria ouvir a conversa delas – o tempo inteiro entretida! Quando acabava a visita, despediam-se de um modo tão festivo, tão solene, tão bonito, que dava gosto de ver. Mais de uma vez eu entrei na sala para ver as duas se cumprimentarem.

Transformações nas formas de cortesia

Em nossa família nós constituíamos uma roda de primos e tínhamos conversas muito animadas, mas não eram como as de antigamente. Eu via essa diferença e me perguntava: o que ti-



Arquivo Revista

“Na minha geração as pessoas se tratavam com polidez, mas esta era muito comum e cinematográfica; a autêntica cortesia estava morrendo, para dar lugar simplesmente a um trato correto, mas sem as doçuras de outrora”

Dr. Plínio em 1992

nha desaparecido, transformando de tal maneira o convívio? Precisei analisar bastante para saber responder.

A primeira noção que me veio à mente foi que na minha geração as pessoas se tratavam com polidez, mas esta era muito comum e cinematográfica. A autêntica cortesia estava morrendo, para dar lugar simplesmente a um trato correto, mas sem as doçuras de outrora.

Em uma ocasião, lendo um livro francês escrito por um historiador ultrainteressante, Gosselin Lenôtre, *Gens de la Vieille France* – Gentes da França Antiga, encontrei uma frase de Talleyrand: “Quem não viveu antes da Revolução Francesa não conheceu a doçura de viver”.

Eu pensava com os meus botões: “É isso mesmo! Essas cidades com fábricas, bondes, automóveis, buzinas, luz elétrica – a São Paulinho já tinha tudo isso, em ponto pequeno, só não havia os aviões –, corre-corre, trens e tudo o mais... É impossível existir, nessa atmosfera, a *douceur de vivre* antiga”.

A alegria de causar alegria

Entretanto, punha-se a questão: como aquela gente sentia a vida e conseguia agir assim? Como era o modo de ser deles? Por que isso acabou? Um menino, observando do lado de cá as coisas, era naturalmente levado a fazer essas perguntas.

Na casa de minha avó havia um jardim grande. Às quintas-feiras, toda a criançada se reunia lá, corria, divertia-se etc. Um tio meu chegava quando a animação atingia o auge. Naquele tempo, não se toleravam certas infrações à educação. Então parava a brincadeira e todas as crianças iam beijar a mão desse tio e perguntar-lhe como estava.

Ele tinha um prazer especial em trazer, de vez em quando, uns pacotes de drágeas estrangeiras com geleia de frutas dentro, deliciosas. Se ele não as trouxesse, nós o trataríamos do mesmo modo. Mas eu percebia que ele sentia um certo agrado em nos ver contentes. Entre possuir algumas notas de dinheiro a mais na carteira ou ter causado aquela alegria, pelo reflexo desta

sobre ele, meu tio auferia um prazer que ele pagava.

Às vezes eu presenciava pessoas mais velhas do que eu fazerem pequenas gentilezas. Por exemplo, lembro-me de um senhor que foi visitar nossa casa. Entrou com duas flores de cactos lindíssimas, e disse: “Encontrei isto numa florista pela qual passei. São bonitas e talvez a senhora goste”, e as entregou para a dona da casa, sua cunhada, que ficou muito contente e mandou colocá-las num vasinho perto dela. Notei como ele se regozijou em saber que a senhora passaria o resto da tarde olhando para aquelas flores. Independentemente de qualquer retribuição, dava a ele satisfação ver o contentamento de outrem.

Era um sentimento correspondente a um hábito social, que consistia na alegria de causar alegria, na satisfação de causar satisfação. Tratava-se de uma solidariedade que vinculava uma criatura à outra, pela qual a dor em uma, doía na outra, o que contentava a uma, agradava a outra. A *douceur de vivre* estava implantada, estabelecida.

Extinção da reciprocidade e implantação do egoísmo

Olhando para o passado, percebi como esse senso de reciprocidade fora grande nas gerações anteriores, tanto maior quanto mais se recuava no tempo. Na minha geração, estava quase desaparecido; em nossos dias, extinguiu-se completamente.

Nas estradas, por exemplo, quando ocorre um desastre, às vezes se pede aos motoristas que parem, para se colocar dentro de seus carros um ferido. Eu conheço o caso de alguém que deu esta

Wolfgang Sauber (CC by-sa 3.0)



Nosso Senhor passou pela vida fazendo o bem, e nos ensinou aquilo de que Ele mesmo dava o exemplo: Deus é a bondade, a compaixão, a solicitude até a morte na Cruz por nós

Vitral da Igreja de São João Batista, Cardiff (Reino Unido)

resposta: “O meu automóvel é novo e o sangue dele vai sujar. Não quero”. E seguiu adiante.

Então, está estabelecido um clima moral totalmente diverso, no qual essa reciprocidade, o desejo de favorecer pelo bem que o outro sente, desaparece. Da mesma forma, some o respeito: a alegria porque o outro é superior, por lhe fazer reverência, por honrá-lo.

Perdeu-se qualquer contentamento em fazer o bem, o que, pelo contrário, passou a ser desagradável. Assim sendo, pouco importa ver os outros deprecarem e liquidarem-se, se a pessoa obtiver o seu próprio bem.

Como pode ser agradável a conversa entre duas pessoas se cada uma sabe que a outra tem essas ideias a respeito de si mesma? É impossível não perceber certa melancolia no trato de hoje.

Há excitação nervosa, mas a alegria pela felicidade do outro desapareceu. Como se explica que isso tenha havido durante um período e, depois, deixado de existir?

Com Nosso Senhor, a alegria começou a irradiar na terra

Houve alguém que entrou na História. Quando isso ocorreu, o mundo inteiro era uma noite igual a essa que acabo de descrever; Ele brilhou e o gosto de ser bom e fazer o bem começou a reluzir entre os homens. O prazer de respeitar e até de venerar, de se dedicar, de se sacrificar; o contentamento de praticar o bem, de saber que o outro ficou satisfeito, ainda quando este não perceba quem lhe favoreceu; tudo isso começou a se irradiar na terra por alguém designado por quatro palavras: Nosso Senhor Jesus Cristo.

São Pedro emprega uma fórmula que eu li e ficou em minha memória como uma fulguração, nunca se apagou em meu espírito. Ele descreveu a vida de Nosso Senhor nesta síntese latina: “*pertransivit benefaciendo*” (At 10, 38), passou pela vida fazendo o bem. O tempo inteiro, desde o começo até o fim, fazendo o bem, sem olhar para nada, a não ser para a alegria de fazer o bem, com o transbordamento, a abundância que conhecemos. Chegou ao auge de, quando Ele foi preso no Horto das Oliveiras, dar ordem aos carrascos: “A estes, deixai-os ir em paz” (Jo 18, 8). Eram os discípulos que fugiam! Eles não podiam ter fugido, mas fugiram. Porém, o perdão era tal que Ele teve só a expressão: “A estes, deixai-os ir em paz”.

Mais ainda: São Pedro cortou a orelha de Malco. Jesus Se curvou, apanhou

a orelha do chão e a recolocou nele, que O estava prendendo a fim de submetê-Lo a um processo injusto e matá-Lo da morte mais cruel que se possa conjecturar.

Nosso Senhor ensinou e revelou aquilo de que Ele mesmo dava o exemplo: Deus é a bondade, a majestade infinita, o esplendor sem fim, a perfeição insondável, a onipotência; mas também a misericórdia, a compaixão, o perdão várias vezes repetido com afeto, a solicitude até a morte na Cruz por nós.

Jesus Cristo nos amou e nos ama assim. Ele fundou uma Igreja, a qual é a súpula de todas as perfeições e de todas as maravilhas, mesmo em meio às tristezas do século XX: quanto mais a conhecemos, tanto mais a admiramos.

Portanto, por seu ensinamento, Ele nos revelou termos este Pai comum, este Deus que nos ama assim.

Fazendo o bem ao próximo, alegamos a Jesus Cristo

Isso deu aos homens a noção de que todos são um só n'Ele, participam dos sentimentos e das disposições d'Ele e, assim, fazendo o bem ao outro, nós alegamos a Ele.

Santa Catarina de Siena certa vez precisou tratar de uma leprosa. Ela teve satisfação de causar um contentamento a essa enferma; mais ainda, ela sabia que Nosso Senhor Jesus Cristo alegrava-Se no Céu ao ver aquela filha miserável sorrir, feliz, com seus lábios descarnados. O Redentor amava a filha leprosa, tinha pena dela e se agradava quando outra filha, a quem Ele dera saúde, a consolava.

Nasce, então, o prazer de respeitar. A outra mulher, que era neurastênica e de um temperamento insuportável, a Santa tratava de “minha mãe”.

Tudo isso junto faz crescer nos homens a satisfação bem-ordenada de sentir a alegria dos outros, o prazer de dar, de sacrificar-se, de imolar-se, de distender as garras do egoísmo, do amor-próprio, do orgulho, por meio de um gesto, de uma amabilidade. Uma

palavra delicada às vezes transforma uma pessoa, sobretudo quando não estamos com vontade de dizê-la, mas o fazemos para servir a Nossa Senhora.

Um convívio feliz, com o aroma de Nosso Senhor Jesus Cristo

Os pagãos, no tempo do Império Romano, olhavam para os católicos e diziam entre si: “Veja como eles se querem bem”. É o bom aroma, a luz de Nosso Senhor Jesus Cristo que ilumina e modifica tudo.

Dou-lhes um conselho: querem ter felicidade verdadeira na alma e a luz de Nosso Senhor Jesus Cristo diante dos olhos? Desejam sentir na respiração de suas almas o aroma d'Ele? Sacrifiquem-se e tenham a alegria de ver que os outros estão contentes com o sacrifício.

E não aguardem retribuição. Quem faz o bem aos outros por causa dela

procura fazer um negócio. Esperem ingratidão, desprezo, mau trato, mas digam: “Fiz para que ele ficasse um pouco satisfeito. Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima foram glorificados, porque ele teve um instante de alegria boa. Isso um dia redundará em benefício de sua alma. Vou fazer mais!”

Quando derem acordo de si, o aroma do convívio estará embalsamado, perfumado e agradável. É Cristo Nosso Senhor que Se fará presente. ✠

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de: *Conferência*.
São Paulo, 10/6/1985

¹ A abolição da escravidão no Brasil deu-se apenas em 13 de maio de 1888. À época do fato narrado, portanto, a mão de obra nas grandes fazendas cafeeiras de São Paulo ainda não era livre.



Reprodução

Para ter a verdadeira felicidade na alma e a luz de Nosso Senhor diante dos olhos, é preciso sacrificar-se pelos outros sem esperar retribuição

“Santa Catarina de Siena e o mendigo”, por Giovanni di Paolo -
Museu de Arte de Cleveland (Estados Unidos)



Pitadas de sal na doçura de viver

Na França de outrora, a polidez não era um costume artificial nem pretencioso, mas a tradução do respeito, da elegância e da benevolência para as minúcias do cotidiano. Desse trato ameno não se excluía, entretanto, uma boa dose de espirituosidade.

✠ Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP



Após os amargos anos da Revolução Francesa (1789-1799), o diplomata Talleyrand, ao contemplar o esfacelamento do Antigo Regime, deixou um nostálgico testemunho: “Quem não viveu no século XVIII, antes da Revolução, não conhece a doçura de viver”.¹

Sem fechar os olhos às sombras do regime absolutista francês dos séculos XVI a XVIII, é preciso reconhecer um de seus grandes legados: o requinte das boas maneiras, isto é, a polidez. Esta, como evoca o próprio nome, lustra e enverniza as ações, as palavras, os comportamentos. Transcende a mera etiqueta, ao simbolizar, no trato humano, o seu esforço em suavizar as arestas do convívio e promover a civilidade.

No *Ancien Régime*, Paris era o farol do mundo, a Cidade-Luz que irradiava cultura para todo o orbe. Ali, a boa educação impregnava desde os grandes salões palacianos até os vilarejos e suas interações cotidianas. Narra-se que Goethe, o mais famoso escritor alemão, ao entrar num pequeno comércio em Longwy, no nordeste francês, foi acolhido com tal deferência pela vendedora que ele, consciente de seus modos menos “doces”, sentiu-se compelido a elevar o nível de cortesia para fazer jus à gentileza de sua interlocutora.² De

modo análogo, um nobre austríaco, também em viagem pela França, percebeu que o cocheiro levava consigo uma obra do literato Corneille. Admirado, exclamou: “Que país! Que povo! Os cocheiros leem os clássicos!”³

De fato, a França de outrora sobressaía-se tanto em louçania, que seus costumes se chocavam com o de outras nações menos afeitas à *douceur de vivre*. Não sem pimenta, o sardônico Montesquieu disparou: “Os ingleses são muito ocupados; não têm tempo de ser educados”.⁴ Parece que, outrossim, a agenda do escritor francês andava um tanto cheia...

Ornato das virtudes

Naqueles áureos tempos, a cortesia se entrelaçou com a civilização ocidental. Ao contrário do que se imagina, a polidez não era um costume artificial nem pretencioso, mas sim a tradução do respeito, da elegância e da benevolência para as minúcias do cotidiano. É inegável que as boas maneiras podem se degenerar em hipocrisia, a máscara da virtude. Até os canalhas são capazes de exteriorizar certa civilidade... mas o abuso não exclui o uso.

A cortesia era, antes de tudo, o ornato das virtudes. Estava imbuída da caridade fraterna preconizada na Escritura: “Amarás o teu próximo como a ti mes-

mo” (Lv 19, 18; Mt 22, 39). Por isso, em resposta aos hipócritas, os franceses cunharam a expressão *polidez do coração* para indicar que a civilidade brota do interior, de uma vida virtuosa. Ora, a “ciência das boas maneiras” revela-se “indispensável para a felicidade e a virtude dos homens”.⁵ E como bem definiu Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, “a cortesia é a musicalidade das relações humanas”.⁶ Em suma, a virtude se assemelha a um quadro, cuja moldura chama-se polidez.

Cristo: modelo de boa educação

Na arte de conviver, a humildade é pedra angular e antídoto contra o egoísmo e a incivilidade. Cristo nos deu a lição de sua própria vida: era “manso e humilde de coração” (Mt 11, 29) e o “Mestre da humildade”.⁷ Antes de enviar os Apóstolos a pregar, “constituiu doze para que andassem com Ele” (Mc 3, 14). Jesus quis antes de tudo conviver. Destarte, o Verbo não Se encarnou exclusivamente para resgatar a humanidade do pecado, mas para trazer, outrossim, uma nova forma de vida (cf. At 5, 20).

Com razão Balzac comentou que “a verdadeira polidez pressupõe o pensamento cristão; ela é como a flor da caridade, e consiste em esquecer-se realmente de si mesmo”.⁸ Há na urbanidade

uma dimensão quase litúrgica: harmoniza a abnegação, a bondade e a reverência, transformando o cotidiano em um ritual de mútua elevação. Como as rubricas de um Missal, as regras de cortesia refreiam o individualismo, cultuam as ações e nos exortam ao sublime.

A polidez convive com a graciosidade

Todavia, é preciso render à polidez as rédeas da firmeza: “O cortês não exclui ser valente”, ressalva o provérbio espanhol. Assim, a *doçura* de viver necessita por vezes de certas *pitadas de sal* para temperar o convívio com sabores, digamos, mais encorpados... Nesse sentido, exorta o Apóstolo: “Que as vossas conversas sejam sempre amáveis, temperadas com sal, e sabeis responder a cada um devidamente” (Cl 4, 6). O convívio meramente protocolar é insosso. Para tornar-se palatável, precisa ser sazornado com a graça, a leveza e um toque de jovialidade.

Um episódio envolvendo Napoleão III (1808-1873) ilustra que a cortesia, quando desprovida de sabedoria, torna-se insípida. Já o “sal”, repartido com moderação, é o tempero espirituoso das saladas da vida.⁹

Certo dia, ao retornar exausto aos seus aposentos, o imperador irritou-se com as constantes reclamações de sua esposa Eugênia. Em um ímpeto de provocação, disparou:

— Sabe qual a diferença entre você e o espelho?

— Não! – respondeu ela.

— É que o espelho reflete e você não...



Reprodução

Há na urbanidade uma dimensão quase litúrgica: harmoniza a abnegação, a bondade e a reverência, transformando o cotidiano em um ritual de mútua elevação

Saudação no século XVIII, por Jules Marie Auguste Leroux

A imperatriz não deixou barato:

— Agora, sabe qual a diferença entre *você* e o espelho?

Ante a negativa intrigada do marido, Eugênia arrematou:

— É que o espelho é polido e você não!...

Depois da “salgada” mas bem-humorada discussão, ambos sorriram docemente um para o outro...

Resgatar o sabor do convívio

Deixemos a França de outrora e regressemos aos nossos dias, tempo de correria, de irreverência, de encontros sempre mais mediados pela tecnolo-

gia. Existe ainda espaço para a polidez? Mais do que nunca!

Pelo bom trato, é possível resgatar o sabor original do convívio humano. Ele nunca há de ser nutrido pela amargura, fruto de tantos pecados, em especial da inveja. Tampouco pela acidez, consequência direta de um dos pecados capitais de nosso século: a impaciência.

A receita está em restaurar a sabedoria, virtude cujo étimo remonta precisamente à palavra *sabor*. Cabe ao sábio ordenar, dar sabor às coisas segundo a justa medida: às vezes adoça, às vezes salga... ✧

¹ TALLEYRAND-PÉRIGORD, Charles-Maurice. *La confession*. Paris: L. Sauvaire, 1891, p.57.

² Cf. LENÔTRE, G. *Rêveries d'après guerre sur des thèmes anciens. La douceur de vivre*. In: *Revue des Deux Mondes*.

Paris. Ano XXXIX. N.2 (15 maio, 1917); p.362.

³ Ibid.

⁴ MONTESQUIEU, Charles de. *Pensées diverses*. In: *Œuvres*. Paris: Dalibon, 1827, t.VI, p.311.

⁵ LENÔTRE, op. cit., p.359.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Musicalidade das relações humanas. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XIX. N.224 (nov., 2016); p.2.

⁷ BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Abrégé d'un autre sermon pour le troisième dimanche de l'Avent*. In: *Sermons*. 2.ed. Pa-

ris: Garnier Frères, 1886, t.I, p.293.

⁸ BALZAC, Honoré de. *Le lys dans la vallée*. In: *Œuvres complètes*. Paris: Michel Lévy Frères, 1869, t.V, p.511.

⁹ Cf. LEE, Elizabeth. *Wives of the Prime Ministers*. London: Nisbet, 1918, p.90-91.



O Ígneo

✠ Rúben Manuel Cunha Guimarães



Se a Abraão Deus chamou *amigo*, a Isaac *meu servo* e a Jacó *meu santo*, a Elias bem poderia chamar *meu profeta*. Tanto mais que, na Transfiguração, Nosso Senhor não evocou o amigo nem o santo, mas aquele que aos dois predicados juntou a profecia: “Quão glorioso te tornaste, Elias, por teus prodígios! Quem pode gloriar-se de ser como tu?” (Eclo 48, 4).

Inocente como alguns, santo como poucos, ígneo como nenhum, foi um sol para o povo de Israel: iluminou os seus caminhos, aqueceu os corações no zelo pela Lei, secou o culto idolátrico e o queimou no Vale do Quison. Entretanto, algo o distingue do astro rei: o seu brilho jamais conheceu ocaso.

Mártir, juiz, taumaturgo

Quando Deus quer falar no curso da História, Ele Se comunica aos seus mais íntimos amigos, os profetas, arautos inconfundíveis de sua vontade. E como nem sempre a vontade dos homens coincide com a divina – para dizer pouco –, precisam lutar contra toda classe de respeito humano e mediocridade, enfrentando o ódio de uma cidade ou de um povo, num tempo preciso, e convertendo-se numa tocha de fidelidade e de martírio, em que a mecha incendiada é ele mesmo.

É, pois, com um brado de fidelidade que Elias irrompe na História. Na História decadente do povo eleito...

Israel passava por sérias dificuldades. De instabilidade em instabilidade, o reino chegou às mãos de um homem

inseguro e infiel, a quem a Escritura acusa de ser pior ainda que todos os seus predecessores (cf. I Rs 16, 30): Acab. Como não bastasse ter desposado uma mulher pagã – delito proibido pelo próprio Deus (cf. Dt 7, 1-4), dado o perigo de idolatria – ainda introduziu o culto a Baal no templo que mandou construir: “Com efeito, não houve ninguém que praticasse tanto o mal aos olhos do Senhor como Acab, excitado como era por sua mulher Jezabel” (I Rs 21, 25). Um tremendo castigo assolava a Terra Prometida por causa do pecado de seus habitantes.

O único remédio para a situação era amargo, mas Elias não temeu administrá-lo, e na sua qualidade de homem de Deus ordenou às nuvens que não trouxessem chuva: “Com a palavra do Senhor ele fechou o céu, e dele fez cair fogo por três vezes” (Eclo 48, 3). Era a mais condigna das correções, conforme comenta Santo Ambrósio, que nela vê um “justo castigo para reprimir de modo adequado a falta de temperança, de maneira que o céu se fechasse para os ímpios que haviam manchado as coisas da terra”.¹

Foi nesse ínterim que Elias, por ordem divina, chegou a Sarepta da Sídonia. Após submeter a viúva que o hospedara a uma tremenda prova de confiança – que chega ao cúmulo de ela ver seu filho morrer – opera a primeira ressurreição narrada nas Escrituras. Não consta que o profeta hesitasse em operar esse milagre, tanto mais que a sua oração, precedida de filial queixume, mais se assemelha a uma ordem

Como um sol para Israel, iluminou os seus caminhos, aqueceu os corações e queimou o culto idolátrico no Vale do Quison. Entretanto, algo o distingue do astro rei: o seu brilho jamais conheceu ocaso...

Elizabeth Tran

dada a Deus do que a um contingente pedido: “Senhor, meu Deus, até a uma viúva, que me hospeda, quereis afligir, matando-lhe o filho? [...] Rogo-Vos que a alma deste menino volte a ele” (I Rs 17, 20-21). O Senhor ouviu a oração de Elias, e o jovem recuperou a vida.

Increpador incomparável

A seca decretada pelo profeta alastrou-se por três longos anos (cf. I Rs 18, 1), e só então o Altíssimo ordenou que ele se apresentasse a Acab, quiçá na esperança de uma retratação por parte do ímpio monarca... Longe disso, o rei o acusou de ser a causa dos problemas que atormentavam o país: “Estás aí, flagelo de Israel!” (I Rs 18, 17). Elias, cuja diplomacia mais se assemelhava a um raio fulminante do que a um golpe de esgrima, o increpou convocando os profetas de Jezabel para um sacrifício no alto do Carmelo, a fim de deixar claro quem era o verdadeiro Deus.

Num instante, Acab reuniu todos os profetas de Baal no local determinado. Elias também compareceu. O resultado foi bastante sugestivo: oitocentos e cinquenta sacerdotes pagãos contra um único servidor de Javé. Por que incitar uma prova pública de quem era o verdadeiro Deus? Não evocaria certo orgulho e temeridade? Não seria mais prudente, mais diplomático, recolher-se numa caverna em oração, à espera de que a vingança divina visitasse aqueles ímpios? Não. Era necessário ao povo que claudicava dos dois pés (cf. I Rs 18, 21) conhecer a verdade e, mediante isso, seguir o caminho certo. Eis uma das características do profeta: distinguir a verdade do erro.

Rompendo o silêncio que cobria o Monte Carmelo, Elias propôs: “‘O deus que responder enviando fogo, é ele o Deus’. Todo o povo respondeu: ‘É boa a proposta’” (I Rs 18, 24).

Os sacerdotes de Baal rapidamente tomaram um novilho e, pela ma-

nhã, começaram a oração. Danças, cantos, súplicas... nada foi suficiente para acordar a divindade cananeia. Ao meio-dia, Elias pôs-se a escarnecer deles: “Gritai com mais força, pois – seguramente! – ele é deus; mas estará entretido em alguma conversa, ou ocupado, ou em viagem, ou estará dormindo... e isso o acordará” (I Rs 18, 27). Atingidos no amor-próprio e já um tanto inseguros quanto à veracidade de sua religião, retalharam-se com espadas e lanças, cobrindo-se de sangue para comover Baal. Em vão. Nada aconteceu...

“Aproximai-vos de mim” (I Rs 18, 30), exortou, por fim, Elias. Eri-gindo um altar ao Senhor, cavou uma vala em torno e fê-la inundar de água por três vezes, assim como o altar e o sacrifício. O povo acompanhava atônito. O profeta não precisava erguer os braços, nem tampouco um bastão. Quando muito elevou os olhos ao céu e rezou: “Senhor, Deus de Abraão, de



Dguendel (CC by 4.0)

Não seria mais prudente recolher-se à espera de que a vingança divina visitasse aqueles ímpios? Não. Era necessário ao povo que claudicava dos dois pés conhecer a verdade e, mediante isso, seguir o caminho certo. Eis uma das características do profeta: distinguir a verdade do erro

“Elias e os sacerdotes de Baal”, por Lucas Cranach - Pinacoteca dos Antigos Mestres, Dresden (Alemanha);
na página anterior, Santo Elias - Casa Monte Carmelo, Caieiras (SP)



Isaac e de Israel, saibam todos hoje que sois o Deus de Israel, que eu sou vosso servo e que por vossa ordem fiz todas estas coisas. Ouvi-me, Senhor, ouvi-me, para que este povo reconheça que Vós, Senhor, sois Deus e que sois Vós que converteis os seus corações!” (I Rs 18, 36-37).

Imediatamente o fogo do Senhor desceu, consumindo, além da vítima, as pedras do altar e a água jazente em torno. O Senhor ouvira a prece do justo. Os baalitas gritaram. Elias rezou. E enquanto o povo adorava o verdadeiro Deus, o profeta ordenou: “Tomai agora os profetas de Baal. Não deixeis escapar um só deles! E eles os prenderam. Elias fê-los descer para perto da torrente do Quison e lá os degolou” (I Rs 18, 40).

O primeiro devoto de Maria

Terminada a cena, o homem de Deus recomendou que Acab comesse e bebesse, pois já ouvia “o ruído de uma grande chuva” (I Rs 18, 41). Subindo ao cimo do Monte Carmelo, prostrou-se em terra e, por sete vezes, enviou o seu servo para observar na direção do mar. Na sétima vez o servo exclamou: “Eis que sobe do mar uma pequena nuvem, do tamanho da palma da mão” (I Rs 18, 44). Elias mandou prevenir o rei que se apressasse para que a chuva não o detivesse pelo caminho. Acab, que já vira o fogo descer do céu pela palavra do profeta, partiu sem hesitar.

Os autores são concordes em relacionar a pequena nuvem, que anuncia uma tempestade torrencial, com o nascimento da Santíssima Virgem, a qual traria à terra um dilúvio de graças e o próprio Homem-Deus. Aquela era fruto de um castigo; esta, de um imenso perdão. Não deixa de ser simbólico que a pré-figura de Maria surja no horizonte logo após a derrota da idolatria. É



Francisco Lecaros

Após um ato heroico de fidelidade à verdadeira religião, Deus concede à História a promessa de uma Mãe para a humanidade órfã

Santo Elias - Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Caudete (Espanha)

quando a falsa religião sucumbe que Nossa Senhora reluz. Ou, quiçá, desfaz-se o império de Satanás tão só ao som dos passos d’Ela.

Após um ato heroico de fidelidade à verdadeira religião, Deus concede à História o maior prêmio até aquele momento: a promessa de uma Mãe para a humanidade órfã.

Depositário da fidelidade

Ora, retornando para sua casa, Acab nenhum desses fatos escondeu a Jezebel, a quem obedecia com verdadeira escravidão. Ela ferveu de raiva e enviou ao profeta a seguinte mensagem: “Que os deuses me tratem com o último rigor, se amanhã, a esta mesma hora, eu não fizer de tua vida o que fizeste da deles” (I Rs 19, 2). Elias teve medo e fugiu.

A quem Deus ama com predileção, prova de maneira especial em seu alicerce axiológico: a promessa do cumprimento da própria vocação, a certeza da vitória. Assim, permite, e até promove, aparentes desmentidos e fracassos na vida de seus eleitos. Não foi diferente com Elias. Ele, que enfrentara o ódio de uma nação inteira, que vingara a honra do Senhor no Carmelo, que ainda faria descer fogo do céu sobre os soldados de Ocozias (cf. II Rs 1, 10-12), que representava a fidelidade inquebrantável... fugiu de uma única mulher.

Fatigado pela viagem e pela provação, Elias caiu desfalecido junto a um junípero: “Basta, Senhor – impetrou ele –, tirai-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais” (I Rs 19, 4). Eis a grande perplexidade do profeta. Chamado a ser o varão de todas as fidelidades, sente, entretanto, as misérias do fracasso. E, nesse estado, adormeceu.

Em meio a pesado sono, um Anjo do Senhor deu-lhe por duas vezes um pão cozido, que lhe conferiu forças para cami-

nhar quarenta dias e quarenta noites rumo ao Monte Horeb. Os comentaristas veem nesse misterioso alimento uma pré-figura da Eucaristia. Elias tornava-se assim o profeta dos dois maiores tesouros de Deus: Maria Santíssima e seu Divino Filho. Com efeito, não seria verdadeiro profeta da Mãe se não o fosse também do Filho.

O cume das montanhas sói representar, nas Sagradas Escrituras, o lugar da manifestação divina. Foi no alto do monte que Moisés recebeu a Lei (cf. Ex 19, 20); foi nas mesmas alturas que o Verbo Encarnado Se transfigurou (cf. Mt 17, 2).

Chegado Elias ao cimo do Horeb, o Senhor lhe ordenou que O esperasse na montanha. Furacões fenderam as rochas, terríveis tremores de terra se fi-

zeram sentir e até o fogo marcou presença... mas o Todo-Poderoso não estava ali. Por fim, ouviu-se o murmúrio de uma leve brisa. Era o Deus de Israel que passava: “Que fazes aqui, Elias?” Diante de tal pergunta, o profeta respondeu com um brado que o imortalizará na História e cujo eco se prolongou nos lábios da humanidade, seja para os mais sinceros elogios, seja para as mais injustas antipatias: “Consumo-me de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos. Porque os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vossos altares e passaram os vossos profetas a fio de espada. Só eu fiquei e agora querem tirar-me a vida” (I Rs 19, 14).

Mais que um homem, um espírito

Elias havia levado a fidelidade ao Senhor a um tal apogeu que não mais era possível mantê-lo entre os seus. Não que o profeta temesse o povo. Este não era digno dele.

Retomando o Santo o caminho do deserto, Deus não o encaminhou a Israel, mas a Damasco. No percurso ungiu Eliseu como profeta em seu lugar: depositou sobre ele seu manto, e o novo discípulo, renunciando a tudo, o seguiu. É quando o Sol desponta que emite

seus mais radiantes fulgores. Decerto, o encontro dos dois profetas foi um desses momentos que iluminaram o amanehcer de toda uma era histórica, e que serviria de paradigma de relacionamento entre fundador e discípulo, pai e filho



A quem Deus ama com predileção, prova de maneira especial em seu alicerce axiológico: a promessa do cumprimento da própria vocação

“O profeta Elias no deserto confortado por um Anjo”, por Felipe Gil de Mena - Museu Nacional de Escultura, Valladolid (Espanha); abaixo, Península do Sinai (Egito)

até o fim do mundo. A missão terrena de Elias estava próxima do seu término.

Chegado o momento da partida, Eliseu, dirigindo-se àquele que já começava a chamar de pai, implorou o necessário para o cumprimento da própria vocação: uma “porção dobrada” (II Rs 2, 9) do espírito de Elias. E, enquanto conversavam, “um carro de fogo com cavalos de fogo” (II Rs 2, 11) os separou, levando o profeta ao céu num ígneo turbilhão.

Se na aurora manifestam-se os mais radiantes fulgores do Sol, é no ocaso que as nuvens se tingem de fogo. Foi num firmamento assim incendiado que Eliseu contemplou seu pai partir e sobre si mesmo descer a porção dobrada do espírito do mestre.

A história de Elias, muito longe de terminar, acabava de se immortalizar em Eliseu. Inaugurava-se o que se pode chamar de *filão eliático*, nobre estirpe dos profetas devotos de Maria Santíssima, cujos atos intrépidos e virtudes heroicas são imorredouros, já que participam da luz sobrenatural daquele que, outrora, foi o sol de Israel. ✠

¹ SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. *Elias y el ayuno*, c.II, n.2. Madrid: Ciudad Nueva, 2016, p.48.



Mãe incondicional

Ora em singelas dificuldades, ora num impasse financeiro, e até mesmo num incêndio... Dona Lucilia foi feita para atender, sem restrições, a quaisquer pedidos nossos.



✠ Elizabete Fátima Talarico Astorino

Se minha mãe é como é, [Nossa Senhora], que é a Mãe das mães, a Mãe de toda a humanidade, eu nem sei como é que pode ser!”¹ comentou diversas vezes Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, ao falar de Dona Lucilia e de como seu afeto ilimitado e sua proteção foram para ele um vivo incentivo à devoção a Maria Santíssima e à confiança no auxílio d’Ela.

Em nossos dias, como que ecoando sua voz, centenas de pessoas também constatarem como a bondade de Dona Lucilia nos aproxima do Imaculado

Coração de Maria e nos obtém desse Coração aquilo de que precisamos a cada momento.

“Dona Lucilia resolve esses problemas”

Dando razão a essas palavras, Da. Ariady Coneglian se alegrou ao ver-se atendida numa necessidade corriqueira, o que a fez concluir: “Eu vi que Dona Lucilia tem a característica de nos alcançar graças que são necessárias no cotidiano”.

Com efeito, Da. Ariady trabalha numa escola confessional católica, localizada no município de Ubiratã (PR). “Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos”, explica ela, “e boa parte do que nós conseguimos é fruto de doações. No final do ano passado, obtivemos uma aprovação do Ministério da

Cultura pela qual as pessoas podem nos doar parte do seu imposto de renda. Porém, estávamos tendo muitos problemas para que a conta bancária aberta com essa finalidade pudesse receber efetivamente os fundos. Fui obrigada a ir sete vezes ao banco! E, a cada vez, surgia um novo problema: ora faltava um papel, ora uma assinatura não dava certo... Afinal, quando a conta ficou efetivada, as pessoas não conseguiam fazer a doação. Então, depois de quinze dias tentando resolver problemas, cheguei a dizer: ‘Vou desistir, porque não está dando certo!’”

Foi então que a diretora da instituição, muito devota de Dona Lucilia, sugeriu: “Ariady, reze a Dona Lucilia, porque há muitos testemunhos de que ela resolve esse tipo de problemas”. Não foi preciso repetir o conselho, como ela nos narra: “Parei o que estava fazendo, sentei diante do computador, e rezei: ‘Dona Lucilia, me ajude! Eu preciso resolver o caso dessa conta!’”

Após esta oração, Da. Ariady continuou seu trabalho e, depois de alguns minutos, veio-lhe à mente uma operação que já havia tentado realizar várias vezes, em vão, no portal virtual do banco. Embora já tivesse desistido de tal transação, sentiu-se inspirada a tentar de novo: “Entreí no *site* e, com dois cliques, resolvi o problema, sendo que antes tinha ficado longo tempo tentando e



Da. Ariady Coneglian, com um pôster de Dona Lucilia

*Após ser atendida,
Da. Ariady concluiu
que Dona Lucilia tem
a característica de
nos alcançar as graças
que são necessárias
no cotidiano*



Caixa de luz após o incêndio

Certo dia, enquanto aprontava os filhos pela manhã, ela precisou ir até determinado cômodo da casa para apanhar um objeto, e deparou-se com um início de incêndio no corredor...

Com efeito, havia alguns dias que um quadro de luz parecia avariado, emitindo às vezes um forte cheiro de queimado, e acabou por entrar em combustão. Da. Mylena percebeu que o fogo ardia na tampa plástica do quadro e que uma parte dela, já consumida, caíra ao chão. As chamas cresciam rapidamente e era preciso agir.

Eis a narração do sucedido: “Olhei ao redor e vi que a máquina de lavar roupas estava funcionando. A geladeira na cozinha funcionava também. Havia luz na sala normalmente... Então, pensei: ‘Meu Deus, e agora? O que vou fazer para apagar esse fogo? Eu precisava ter um pano comprido aqui, mas não tenho nada...’”

Movida pelo susto, a única ideia que lhe ocorreu no momento foi usar água. No entanto, tratava-se de um incêndio elétrico, e líquidos não fazem senão avivar esse gênero de chamas, além de servir de perigoso conduto para a eletricidade...

Lutando contra o fogo, sob a proteção celeste

Também no estado do Paraná, desta vez na cidade de Ponta Grossa, Dona Lucilia socorreu Da. Mylena Ferreira Campos num incidente caseiro que poderia ter resultado em tragédia.

Mãe de quatro filhos pequenos, Da. Mylena tem o costume de invocar a proteção e o auxílio de Dona Lucilia em meio às fainas do dia, para bem desempenhar suas tarefas domésticas.

Esquecendo-se do perigo, Da. Mylena tentou combater as chamas com água... mas lembrou-se de invocar a proteção de Dona Lucilia

Contudo, enquanto Da. Mylena lutava contra a labareda, lembrou-se de pedir socorro a Dona Lucilia: “Coloquei água numa panela e comecei a apagar o fogo, primeiro o que estava embaixo. E a cada jogada de água, pedia: ‘Sra. Da. Lucilia, mãe nossa, ajudai-nos!’ O fogo que estava no chão e na parede apagou. Faltava a caixa de luz e os disjuntores, que ainda ardiam em chamas. De novo, pedi: ‘Sra. Da. Lucilia, mãe nossa, ajudai-nos!’ E joguei água. O fogo apagou instantaneamente”.

Não houve curto-circuito nem recrudescimento das chamas; e nenhum eletrodoméstico, entre os vários que estavam ligados nas tomadas, queimou-se. Para Da. Mylena, que só depois se deu conta do que fizera, o sucesso de seus intentos deveu-se à proteção e ao auxílio incessante de sua bondosa intercessora, Dona Lucilia.

“Ela será sua mãe protetora”

Como um presente do Céu, o Sr. Eddy Marcano conheceu Dona Lucilia na cidade de Houston, Estados Unidos, onde reside, e encontrou nela uma “mãe incondicional”, segundo sua expressão.



Da. Mylena junto a um quadro de Dona Lucilia

Em 2021, após receber o Sacramento da Penitência, ele ganhou do confessor uma fotografia de Dona Lucília, juntamente com o conselho: “Ela será agora a sua mãe protetora”. Desde então, explicou ter adquirido “uma devoção e uma conexão incríveis com Dona Lucília”.

Nessa época o Sr. Eddy, nascido na Venezuela, estava tentando estabelecer residência nos Estados Unidos, mas se deparou com um obstáculo quase intransponível, conforme ele narra: “Eu não tinha minha certidão de nascimento venezuelana. Esse documento nunca existiu para mim, porque o local onde as certidões de nascimento eram registradas havia pegado fogo. Minha família sempre teve um documento com dados de identificação pessoal que comprovavam isso, mas para poder dar andamento ao processo de residência era obrigatório ter a certidão de nascimento”.

Sem saída, ele decidiu apelar ao auxílio sobrenatural: “Confiei esse processo a Dona Lucília, pedindo que me ajudasse a conseguir uma certidão de nascimento que eu nunca tivera. E, ‘milagrosamente’, pela primeira vez em minha vida, foi encontrada em Mara-

caibo, na Venezuela, uma certidão de nascimento minha, graças a uma averiguação realizada por uma pessoa especialista nessas questões! De imediato reconheci que foi um ‘milagre’ de Dona Lucília, pois tinha confiado esse caso a ela”.

Depois de conhecer a devoção a Dona Lucília, o Sr. Eddy acostumou-se a recorrer a ela em todas as necessidades, sendo por ela sempre atendido

Contudo, havia ainda outras dificuldades a serem vencidas até o fim do processo, uma delas de ordem monetária, pois o Sr. Eddy estava longe de possuir o valor necessário para completar o processo de residência. “Mais uma vez, pedi a Dona Lucília que me ajudasse, pois o nosso futuro nos Estados Unidos dependia disso. Não se

passaram duas horas quando recebi a inspiração de telefonar para uma pessoa muito amiga de minha família, pois algo me dizia: ‘Ligue para ela, ela vai ajudar’. E foi o que fiz: telefonei para essa pessoa e expliquei o que estava acontecendo. No final da conversa, ela prometeu: ‘Diga-me quanto você precisa, que eu vou arcar com todos os gastos imediatamente’. Comecei a chorar de alegria ao perceber que estava sob a proteção de uma mãe incondicional, que nos guiava e abençoava com muitas graças”.

Como um último sorriso de Dona Lucília para o caso, o Sr. Eddy ainda teve sua residência aprovada em menos de três meses, quando a previsão que lhe fora dada era de pelo menos dois anos!

Inexplicável movimentação de um quadro

A proteção de Dona Lucília logo se tornou frequente na vida do Sr. Eddy, algumas vezes manifestando-se antes mesmo de que ele a invocasse, como se nota no fato a seguir.

Violinista por profissão, ele também ministra aulas de violino. E na sala onde leciona sucedeu um episódio peculiar, que muito o fez crescer na devoção a sua protetora: “Uma pessoa veio com más intenções e começou a me fazer certas perguntas, tentando arrancar de mim opiniões que me seriam desfavoráveis... Naquele momento, o quadro de Dona Lucília que possuo, emoldurado em vidro, começou a balançar para frente e para trás sem que ninguém o tocasse, produzindo um barulho bastante forte. Ficamos surpresos, tanto a pessoa quanto eu... Ela, então, saiu apavorada da minha sala e nunca mais voltou. Continuei olhando fixamente para o quadro de Dona Lucília e pareceu-me que, com aquele movimento, ela queria dizer: ‘Não fale, não dê sua opinião, guarde sempre o silêncio’. Foi uma bênção e uma proteção muito grande da parte dela!”



Sr. Eddy reza junto ao túmulo de sua intercessora, no Cemitério da Consolação em São Paulo; à direita, quadro de Dona Lucília que inexplicavelmente se movimentou

Outras graças recebidas

O Sr. Eddy acostumou-se a recorrer a Dona Lucilia constantemente, confiando-lhe numa simples súplica qualquer dificuldade, desde complexos problemas de saúde até pequenos obstáculos práticos, como o cancelamento de um voo. A seguir, poderemos apreciar algumas dessas intervenções celestes em sua vida.

Certa vez, ele estava prestes a embarcar num avião rumo à África do Sul, a fim de realizar uma série de concertos musicais. Ao chegar à sala de espera, notou que o voo estava muito concorrido e receou que, por causa disso, a viagem fosse muito cansativa e incômoda. Encomendou, então, o percurso aéreo a Dona Lucilia, pedindo-lhe com simplicidade uma viagem tranquila.

Com desvelo materno, ela atendeu sua prece! “Ao entrar no avião, que estava lotado”, narra ele, “encontrei, na fileira em que deveria me sentar, os três assentos vagos, e estes não foram ocupados por ninguém durante todo o voo! Reconheci imediatamente ser obra de Dona Lucilia e agradei na hora. O mesmo fato se repetiu na viagem de regresso aos Estados Unidos”.

Salvo de apuros financeiros

Em outra ocasião, o Sr. Eddy realizaria uma turnê de concertos pela Argentina e Uruguai e, para a aquisição das passagens aéreas, havia conseguido apoio financeiro de uma empresa. Entretanto, um imprevisto viria colocar em mãos de Dona Lucilia a realização dessas apresentações, muito importantes para sua carreira. Conta-nos o Sr. Eddy:

“Pouco antes da viagem, saí de casa para um ensaio com a orquestra e recebi uma ligação informando que aquela empresa não me daria mais o apoio para as passagens... Fiquei muito sur-



Dona Lucilia em março de 1968

*Dona Lucilia é
para aqueles que
pedem o seu auxílio,
confiando-lhe qualquer
necessidade, uma
mãe verdadeiramente
incondicional*

preso naquele momento. Eu estava dirigindo rumo ao ensaio, mas imediatamente me conectei com Dona Lucilia e Nossa Senhora, e pedi que me ajudassem com essas passagens aéreas de que eu precisava para realizar a turnê.

“Passaram-se uns vinte minutos e, quando cheguei ao local do ensaio, recebi duas ligações de duas pessoas diferentes que desejavam informar-me já terem conseguido de novo o

apoio financeiro para as passagens aéreas. Reconheci de imediato, com lágrimas nos olhos, o ‘milagre’ e a manifestação de Dona Lucilia e da Virgem”.

Dona Lucilia também livrou o Sr. Eddy de outros apuros financeiros, um dos quais ocorrido num período de recesso de aulas, como nos narra ele próprio: “No mês de junho, quase todos os alunos estavam saindo de férias e minhas finanças estavam praticamente no fundo do poço. Até minha esposa me disse: ‘Este mês é crítico... Precisamos fazer ajustes, estou muito preocupada’. Fui para o meu escritório, comecei a rezar a Dona Lucilia pedindo-lhe ajuda. Não se passaram dez minutos e recebi uma mensagem no celular informando que estavam me fazendo um depósito de dois mil e quinhentos dólares, como doação de apoio para um álbum que eu estava gravando naquele momento... Meus olhos se encheram de lágrimas de felicidade ao reconhecer o amor maternal de Dona Lucilia por seus filhos!

“Isso faz parte dos tantos e tantos ‘milagres’ que tenho recebido, e que hoje estou compartilhando com vocês, porque os registrei num caderno que guardo como uma memória de todas as graças que recebo de Dona Lucilia. Não me resta senão agradecer infinitamente a ela, que sempre foi uma mãe incondicional para mim!”

Que essas singelas manifestações da eficaz intercessão de Dona Lucilia nos sirvam de estímulo, para que também nós encontremos em sua proteção esse mesmo amor incondicional, reflexo da bondade da própria Mãe de Deus. ✨

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano; São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.130.

Sob o amparo da



Roberto Salas

1



2



3

Jesse Arce

13 de maio – Entre as comemorações realizadas em honra a Nossa Senhora de Fátima, destacamos as Missas presididas pelo Cardeal Adalberto Martínez Flores, Arcebispo Metropolitano, na Catedral de Asunción (foto 2); por Dom Francisco Montecillo Padilla, Nuncio Apostólico, na casa dos Arautos na Cidade da Guatemala (foto 1); e pelo Pe. Manoel Rodríguez, EP, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Tocancipá, Colômbia (foto 3).



Fotos: Luis Rivellino



Alain Patrick

Missão Mariana – Nos dias 7 a 10 de maio, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria percorreu o território da Paróquia São Bento de Núrsia, em Roma. A Missa de abertura da missão mariana foi presidida por Dom Aurelio García Macías, Subsecretário do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, e a de encerramento por Dom Andrea Carlevale, Bispo Auxiliar de Roma.



Hélicia Chala

1



2



3

Emilio Pérez

Visita a paróquias – A Virgem de Fátima esteve também com seus filhos de diversas paróquias pelo mundo. Acima, visitas ao grupo de catequese da Paróquia Santa Cristina, em Madri (foto 1); à Paróquia São José de Calderón, em Quito (foto 2); e à Paróquia Santo André Apóstolo em Guayaquil, Equador (foto 3).



Virgem de Fátima



Fotos: Nuno Moura

XXI Encontro nacional do Apostolado do Oratório – No dia 25 de abril, os membros do Apostolado do Oratório “Maria, Rainha dos Corações” realizaram seu encontro nacional no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. A Santa Missa foi presidida por Dom Sérgio Manuel Ribeiro Dinis, Bispo do Ordinariato Castrense do país.



Stefano Pigliacelli



Ana Karen



Ricardo Pedraglio

Junto aos pequenos e aos anciãos – Com igual amor materno, a imagem da Santíssima Virgem visitou a casa geriátrica São José, das Irmãs dos Anciãos Desamparados em Luque, Paraguai (foto 1); o Centro de Educação São Filippo Smaldone em Paranoá, Distrito Federal (foto 2); e o Lar da Piedade, da Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Piedade, em Lima (foto 3).



Fotos: Gabriel Lopes



Leandro Souza

Caieiras (SP) – Mais quinze membros dos Arautos do Evangelho concluíram o mestrado em Teologia pela Universidade Pontifícia Bolivariana de Medellín, Colômbia. A cerimônia de formatura, presidida pelo Pe. César Ramírez Giraldo, diretor da Faculdade de Teologia, Filosofia e Humanidades, ocorreu no dia 4 de maio, no complexo da Basílica Nossa Senhora do Rosário.

Fotos: João Lucas Guimarães



Brasília – No dia 10 de abril, o coro e a orquestra da Casa de Formação Sacerdotal da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli animaram a Páscoa dos militares na Catedral Metropolitana de Brasília. A Santa Missa, presidida por Dom Marcony Vinícius Ferreira, Arcebispo Castrense, contou com a presença de diversas autoridades das Forças Armadas, entre as quais o Tenente-Brigadeiro do Ar Ary Soares Mesquita, Secretário de Economia, Finanças e Administração da Aeronáutica.

Fotos: João Bovolon



Tatiane de Oliveira

Montes Claros (MG) – Uma multidão de peregrinos participou, no dia 3 de maio, da V Romaria dos Milagres. O destino dos quinze quilômetros de caminhada foi a Igreja de Nossa Senhora dos Claríssimos Montes, onde o Pe. Anderson Fernandes, EP, celebrou a Santa Missa.



Fotos: Roberto Salas

El Salvador – A Igreja Nossa Senhora de Fátima, em San Salvador, foi dedicada no dia 13 de maio por Dom Óscar Álvarez Orellana, Bispo Auxiliar, por delegação de Dom José Luis Escobar Alas, Arcebispo Metropolitano. Concelebraram Dom Luis Morao Andreadza, OFM, Bispo Emérito de Chalatenango, Mons. Joseph Salem, Secretário da Nunciatura Apostólica no país, e mais cinquenta sacerdotes. Honraram com sua presença o Presidente da República, Nayib Armando Bukele Ortiz, acompanhado da primeira-dama e de membros do gabinete do governo.



1



2



3

Itália – Os Arautos participaram, no dia 2 de maio, da procissão em honra a Nossa Senhora das Graças, padroeira da cidade de Nettuno (foto 1). Já no dia 22 de maio, foram celebradas oito Missas na Igreja San Benedetto in Piscinula, na Cidade Eterna, em honra a Santa Rita de Cássia (foto 2). Entre os celebrantes, destacamos Dom Renato Tarantelli Baccari, Bispo Auxiliar de Roma (foto 3).

Fotos: Tiago Kruger

Ao sabor do vinho e da guerra

França adentro, um inimigo terrível enfrenta vinhateiros dispostos a defender seus tesouros a todo custo... Quem venceria essa guerra?

✎ Gabriela Cristina Rodrigues da Silva



Uma famosa empresa francesa de tapetes finos aplica-se a um serviço com todo o seu zelo patriótico: a Chevalier, depois de fazer a limpeza de *aubussons* antigos – estilo fino de tapetes –, tapeçarias persas e outros artigos, recolhe em grandes sacos a poeira extraída – muitas vezes secular – e a distribui pelos mais ilustres restaurantes de Paris. Curiosa repartição a estabelecimentos conhecidos pelo requinte... Qual a razão de tão exótica encomenda?

Corre o ano de 1940. As forças militares de Hitler perpetram a ocupação da França, como a de vários países europeus. Na operação em curso, muitos dos *châteaux* da região são requisitados para o uso dos militares alemães, que os transformam em hospedagens, depósitos para armamento, centros de fiscalização.

Entretanto, em meio ao confisco de bens, destruição de obras de arte, proibição de feriados e festas nacionais, desvalorização da moeda local e imposição de trabalhos nas fábricas alemãs pelo STO,² havia algo a mais causando preocupação à população francesa: o seu vinho.

Arte antiga e muito apreciada

Séculos de tradição fizeram dos vinhos franceses preciosidades gastronômicas mundialmente conhecidas, verdadeiros requintes da Civilização Cristã. Conta-se, por exemplo, que foram os austeros monges de Cluny, no

século XII, que ensinaram os camponeses a plantar e cuidar de seus vinhedos. E a necessidade de podar as vinhas, eles a descobriram de uma forma inusitada e pitoresca...

Certa vez, no ano 345, São Martinho de Tours saiu para inspecionar algumas plantações pertencentes ao mosteiro no Vale do Loire, deixando seu burrinho amarrado junto a um renque de videiras. Horas depois o santo descobriu, com surpresa, que o pobre animal havia se servido de diversos ramos como aperitivo... alguns até o tronco. No ano seguinte, contudo, os monges verificaram que as videiras mais maltratadas pelo asno eram justamente as que se tornaram mais viçosas e produziram as melhores uvas. Passaram, então, a podar os vinhedos todos os anos.

Ora, os burros não eram os únicos apreciadores do deleitoso fruto da vide. Na região da Borgonha, por volta do século X, vinicultores precisavam vigiar suas vinhas de armas à mão pois, em tempos de escassez, alcateias invadiam suas propriedades para se alimentar. Nessa contenda, o fator que salvava vinhas e vinhateiros era a própria fermentação da uva, pois esta fazia com que os lobos, embriagados, adormecessem nas ruas da cidade, tornando fácil a tarefa de caçá-los.

Em 1940, apareceram novos lobos pela França. Dessa vez, porém, usavam

uniforme militar... Aproveitando-se da invasão, os nazistas requisitavam as melhores safras que, na época, representavam não só bom gosto, mas poder e soberania. E os franceses se perguntavam: como protegê-las?

Táticas de guerra na surdina

“Não falem uma palavra a ninguém sobre isso!”, ordenou o viticultor Maurice Drouhin à sua família, reunida na adega – um verdadeiro labirinto com caves do século XIII – a fim de realizar um trabalho inusitado: enquanto ele construía uma parede para esconder garrafas do precioso vinho borgonhês Romanée-Conti, sua esposa e filhos corriam pelo recinto recolhendo aranhas, as quais foram depois inseridas na parede, para formar teias de modo a dar impressão de antiguidade.

Marie-Louise Lanson de Nonancourt também resolvera emparedar seu tesouro. Confiou-o à Virgem Maria, colocando na parede falsa um nicho com uma imagem d’Aquele que suplicou ao Divino Mestre o milagre nas bodas de Caná: “Agora está tudo nas mãos d’Ela”, disse aos filhos, “não há mais nada que eu possa fazer para proteger nosso futuro”. Ela podia estar certa de ter deixado seus bens em muito boas mãos.

Algumas décadas antes, durante a Primeira Guerra Mundial, o proprietário de um *château* em Bordeaux, ao

saber que as tropas do Kaiser estavam prestes a chegar, lançou seu tesouro nas profundezas de um lago. O ardil parecia ter funcionado até que, na manhã seguinte, um militar germânico resolveu dar um passeio pelo jardim e, contemplando as faces serenas do lago, viu-as atapetadas de rótulos flutuantes... Na Segunda Guerra Mundial, os habitantes de Bordeaux já tinham concebido ideias mais eficazes, como a adotada por André Foreau, de Vouvray, que enterrou o que tinha de melhor sob as vagens, tomates e repolhos de sua horta, sem ser descoberto pelos alemães.

Unidos num único “front”: defender o vinho francês!

“A união faz a força”, reza o ditado mil vezes comprovado ao longo da História. E na “guerra pelo vinho” não foi diferente.

Certa vez, um grupo de militares alemães dirigiu-se a um fino restaurante e, além de pratos requintados, solicitaram uma garrafa de vinho famoso. Ao ver o garçom chegar com a bandeja, pensaram tratar-se de um vinho retirado de um local exclusivo na adega. Ela estava recoberta de uma poeira que lhe conferia aspecto de grande categoria... Recoilhida de tapetes e peças de museus, ela servia de disfarce para os vinhos falsos, poupando os verdadeiros, que os franceses perseveravam em esconder dos indesejados invasores. Voltando, agora, ao fato narrado no começo do artigo, compreende-se qual era o objetivo da curiosa encomenda de tapeçaria distribuída aos restaurantes famosos...

Por outro lado, se o povo germânico era muito apreciador da sublimação da cevada – a cerveja –, em geral possuía pouco conhecimento da imensa panóplia vinífera. Para o comércio de vinhos, designou-se os *Weinführer*,³ enólogos alemães capazes de efetuar compras e vendas para o Terceiro Reich. Geralmente eram escolhidos entre negociantes experientes, com contatos e amigos

na França, como era o caso de Heinz Bömers, diretor da importadora Reide-meister & Ulrichs, designado para atuar na região de Bordeaux.

Cúmplices ou não, entre *Weinführer* e vinicultores estabeleceu-se um relacionamento peculiar: sem deixar, aparentemente, de cumprir suas funções, os alemães facilitavam as transações aos franceses, e de modo especial foram os responsáveis por evitar que suas safras mais valiosas deixassem o território nacional.

Entre os muitos vendedores amigos de Bömers, havia um chamado Roger Descas. Encontrava-se este diante do dilema: se fixasse preços altos para o vinho, estimularia a inflação e a fúria das autoridades alemãs; se, pelo contrário, estabelecesse preços baixos, comprometeria gravemente a situação dos vinicultores franceses. Junto com seu amigo *Weinführer* elaborou, pois, um curioso estratagema.

Na véspera do dia em que deveriam comparecer perante o Serviço Econômico alemão, acertaram os seus preços. Mas, na manhã seguinte, diante das autoridades alemãs, ambos fizeram um discurso expondo preços completamente alterados. Foi então que se iniciou uma apresentação teatral digna do *Grand Opéra* de Paris: Bömers acusou Descas de extorqui-lo, Descas culpou Bömers da mesma forma. A discussão acalorou-se, mas finalmente a “razão” triunfou e ambos chegaram a um acordo sensato: os preços seriam aqueles que haviam combinado secretamente no dia anterior.

Em outra ocasião, suspeitando que o Marechal de Campo Göring estava prestes a requisitar grandes safras de Bordeaux, Bömers mandou que alguns funcionários colocassem em garrafas de vinhos ordinários rótulos do icônico Château Mouton-Rothschild, ordem que foi prontamente obedecida.

O vinho vira aliado na guerra

Muitas foram as ocasiões em que, quicá “agradecido” pelo afetuoso apego de que era alvo, o vinho colaborou nas lutas e libertação de seus donos.

Era comum, por exemplo, observar o viticultor Jean Monmousseaux conduzindo barris de um lado para outro da linha de demarcação.⁴ Como ele morava perto dali, os alemães estavam acostumados a vê-lo com seus barris. Entretanto, estes tinham utilidade maior do que conter vinho: escondiam pessoas... Para muitos chefes da Resistência, os recipientes serviram como um veículo de primeira categoria! Jean se utilizou desse estratagema durante dois anos, e nunca levantou suspeita alguma.

O champanhe, “irmão” sublime do vinho, também forneceu relevantes informações militares aos aliados: o Reich tinha o costume de enviar carregamentos do espumante para seus

Muitas foram as ocasiões em que, “agradecido”, o vinho colaborou nas lutas e libertação de seus donos

Nesta página e na anterior, cenas da ocupação nazista na França; acima, garrafas e rótulos de vinhos franceses



soldados no *front*. Ora, as principais casas de champanhe informavam os oficiais franceses a respeito dos destinos dessas encomendas, revelando assim a posição exata das tropas inimigas. Em uma dessas ocasiões, os nazistas pediram que ingente quantidade de garrafas fosse especialmente arrolhada e embalada com destino a um “país muito quente”. Isso serviu de pista para os aliados descobrirem que o Marechal Rommel⁵ estava prestes a fazer uma forte investida no Egito.

Uma festa entre grilhões

Apesar de tudo, inevitavelmente alguns franceses foram presos durante a guerra. Entre eles, encontravam-se vinicultores como Gaston Huet, de Vouvray.

Para compensar a saudade de suas vinhas e famílias, os detentos passavam o tempo trocando conhecimentos sobre viticultura. Foi numa dessas conversas que Gaston Huet teve uma ideia: “Vamos fazer um banquete de vinho!” Bela proposta, mas como torná-la realidade?

Huet ficara sabendo que, em um campo de prisioneiros próximo dali, havia circulação de bebidas destiladas entre os guardas, o que era expressamente proibido. Alguns dias depois, chantageou o comandante de campo alemão, pedindo vinho em troca de seu silêncio. O militar, nervoso e relutante, acabou acedendo.

Os vinicultores franceses agiram com sagacidade para a proteção do vinho. E nós, como defendemos a Deus?

Vinicultores do Château Haut-Marbuzet - Bordeaux (França)

Enquanto esperavam as setecentas garrafas que permitiriam a cada prisioneiro degustar uma dose de vinho, Huet e seus companheiros cuidaram de preparar uma grande festa: reuniu-se um comitê composto de representantes de cada uma das regiões viníferas; artistas se ofereceram para confeccionar cartazes e mapas; um grupo de teatro se propôs a encenar esquetes sobre o vinho, com direito a cenário e vestuários improvisados; o sacerdote que dirigia o coral do campo deu início aos ensaios de música; carpinteiros construíram uma prensa de lagar – mais tarde utilizada para cobrir a entrada de um túnel para uma fuga inesperada.

A data do festival foi fixada para 24 de janeiro de 1943, dia de São Vicente, o padroeiro dos vinicultores franceses. Antecedido por várias apresentações e discursos, chegou o momento esperado com entusiasmo por todos: a degustação. Cada garrafa seria dividida entre sete homens, que poderiam servir-se de seu vinho preferido.

Recordando todo o trabalho que tivera organizando o evento, comentaria Huet anos mais tarde: “Ele salvou nossa sanidade. Não sei o que teríamos feito sem aquela festa. Ela nos deu alguma coisa a que nos agarrar. Deu-nos uma razão para levantar de manhã, para enfrentar cada dia”.

Imitemos sua sagacidade!

Seria impossível resumir nestas linhas todas as façanhas relacionadas à proteção do vinho francês durante a Segunda Guerra Mundial... Não obstante, podemos tirar dos fatos aqui enunciados uma lição: nas diversas batalhas que se nos apresentam ao longo da vida, devemos sa-

ber ser simples como a pomba e astutos como a serpente (cf. Mt 10, 16).

Não se pretende aqui apontar a justiça das ações dos vinhateiros franceses; vale-nos, entretanto, imitar sua sagacidade. Esta é uma virtude anexa à prudência, que permite uma conjectura fácil e rápida a respeito dos meios a empreender em determinada ação.⁶ Com efeito, eles agiram com notável circunspeção na proteção de um patrimônio material.

E nós, católicos do século XXI, quando se trata de defender a Santa Igreja, patrimônio divino e luz das nações, como agimos? Dispomos de toda a nossa inteligência e solécia para confundir os inimigos de Cristo e fazer triunfar a inocência? Ou deixamo-nos arrastar torpemente pelas ciladas adversárias, permitindo que a virtude seja esmagada e corrompida?

Sob a maternal proteção da Santíssima Virgem Maria, não permitamos que os filhos das trevas sejam mais espertos que os filhos da luz (cf. Lc 16, 8); antes, que a sabedoria possa verdadeiramente habitar com a sagacidade (cf. Pr 8, 12). ✚

¹ Os dados históricos e fatos narrados no presente artigo foram tomados da obra: KLADSTRUP, Don; KLADSTRUP, Pettie. *Vinho & Guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

² *Service du travail obligatoire*: programa de trabalhos forçados implantado pelo governo de Vichy em 1942, para atender às exigências de mão de obra da Alemanha.

³ Em alemão, literalmente: guia de vinho.

⁴ Desde a queda da França, em maio de 1940, até novembro de 1942, a linha de demarcação foi a divisão estabelecida pelo Armistício de 22 de junho de 1940 para separar a zona ocupada pelos alemães – o norte e o oeste francês – da zona livre, ao sul.

⁵ Marechal alemão Erwin Rommel. Por suas façanhas militares no Norte da África, ficou conhecido como a *Raposa do Deserto*.

⁶ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.49, a.4.



...como surgiram os sacrários?

Tal é o amor da Igreja por Jesus Cristo que, tendo o Esposo subido aos Céus, Ela não se contentou em reencontrá-Lo nas Santas Missas, mas quis adorá-Lo todos os dias e em todos os lugares. Os sacrários surgiram a fim de saciar esse desejo. O Deus que os Céus não puderam conter, haveria de habitar também a terra.

Ao lado dessa razão primordial, houve outros graves motivos – entre eles, os gemidos dos moribundos. O Concílio de Niceia (325) prescrevia que os agonizantes não deviam ser privados do viático eucarístico. Mas como levá-los esse conforto espiritual se não fossem guardadas as Hóstias consagradas?

Uma resposta mais concreta a respeito encontramos nas Constituições Apostólicas. Nelas os diáconos são orientados a depositar as santas partículas no que os latinos chamavam de

secretarium ou *sacrarium* – daí a palavra *sacrário* –, o qual era trancado à chave e custodiado por ministros sagrados.

Esse costume manteve-se até o século IX. Surgiram então variações quanto à forma e à localização do sacrário. Em certos templos, ele foi colocado por trás do altar, com o nome de propiciatório; noutras igrejas, a sacristia mereceu a honra de hospedar o Rei dos Céus. Sobretudo nas grandes catedrais góticas ou renascentistas, o tabernáculo se ornamentou de murais coloridos e de estatuária. A partir do século XVI, ele passou a ser visível sobre o altar-mor. E há ainda o costume de conservá-lo numa capela lateral.

O amor do Divino Mestre por seus discípulos é tão insondável que Ele quis estar presente não somente na Santa Missa ou nos sacrários do mundo inteiro, mas também no tabernáculo da alma dos fiéis. ✚



João Paulo Rodrigues

Sacrário do oratório dos Arautos do Evangelho em Ponta Grossa (PR)

...quem foram os primeiros ocidentais a entrar na Cidade Proibida?

China: um reino de sonhos, cercado por muralhas tão imponentes que permaneceram praticamente intransponíveis até o fim do século XVI. Todavia, não houve lugar na terra, por mais inóspito que fosse, no qual não tenha ressoado o doce timbre da voz de Cristo.

Para o então chamado Império do Meio, o Verbo de Deus utilizou-Se de um instrumento para Se manifestar: o Pe. Mateo Ricci, missionário da Companhia de Jesus.

Seu anseio era converter toda a nação, mas para isso precisava ir até a cabeça. O Imperador Wanli vivia na Cidade Proibida, a morada do “filho dos céus”. Unindo a astúcia da serpente à inocência da pomba, o sacerdote

jesuíta ofereceu ao monarca dezesseis presentes, entre os quais um clavicórdio, para que a música penetrasse aon-

de não chegavam as palavras; um relógio, para suscitar curiosidade; e um quadro de Nosso Senhor, a fim de que o “filho dos céus” conhecesse o Filho de Deus.

As dádivas causaram grande estupefação na corte. E, para satisfazer as demandas dos orientais, foram chamados os missionários à Cidade Proibida, onde finalmente entraram os primeiros ocidentais em 1601. Os jesuítas, respondendo aos anelos científicos e musicais dos chineses, ensinaram-lhes paralelamente a superior sabedoria da Fé ao ecoar o preceito evangélico: “Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28, 19). E não há muralha nem proibições que possam deter essas palavras... ✚



Reprodução

Pe. Mateo Ricci - Igreja do Gesù, Roma

Silêncio, fonte inesgotável de harmonia

Apreciando o silêncio exterior, obteremos o silêncio interior. E na harmonia perfeita nascida destes, poderemos escutar a Palavra Eterna.

✠ Santiago Vieto Rodríguez



Silêncio... quietude... Paremos um instante e imaginemo-nos num lugar solitário onde nossos sentidos possam ser melhor penetrados pela plenitude da calma. Seja no píncaro de uma altaneira montanha, nas bordas de um brumoso penhasco batido pelas ondas do mar, na luminosidade de um deserto ou na delicadeza de um risonho bosque. Ouçamos atentamente o sussurro das folhas movidas pelo vento, o murmúrio de um cristalino riacho e as sinfonias das aves ao amanhecer. Imaginemos, com ouvidos atentos, a chuva que cai e escorre nas pedras. E, elevando com gratidão a mente ao Criador de tantas maravilhas, estaremos predispostos a ouvi-Lo.

Convido-o agora a entrar num claustro milenar, onde os passos de um monge ecoam lentamente nas arcadas até fundirem-se na pedra. Pouco tempo depois, em meio à salmodia dos religiosos, ouvimos ao longe o argênteo tilintar de um sino que anuncia

a celebração dos sagrados mistérios numa igreja recolhida, localizada no fim de um vale coberto por neve, na qual já está reunido o povo orante.

Viver momentos como esses – livres da balbúrdia dos centros urbanos, da extenuante monotonia das máquinas, do estridente ruído dos motores e da infinidade de poluições auditivas geradas por nossa sociedade enferma – tornou-se um luxo ao qual, lamentavelmente, poucos podem dar-se.

Para o ouvido corporal, não existe silêncio absoluto. Mesmo num local totalmente isolado de vibrações externas, esse estupendo órgão forjado por Deus para tornar possível a audição delataria os menores movimentos internos de nosso corpo, inclusive os batimentos cardíacos.

Então... a que nos referimos quando falamos de silêncio?

Uma forma de defini-lo poderia ser a agradável percepção, pelo ouvido, de um ambiente ordenado, moderado

e equilibrante, no qual todo som provém de fontes com ritmos e harmonias em consonância com a natureza humana, sem estridências discordantes. Por essa razão, o mais exótico trinado de um canário não será sentido como uma agressão, mas sim como um perfeito complemento; por vezes, até mesmo as imponentes vozes do vento e do mar se unirão para nos ajudar a apreciar o silêncio.

Relata-nos o Evangelho que Jesus Se dirigia aos montes para orar a sós (cf. Mt 14, 23), pois “disse o Santo de Israel: No descanso e no repouso se-reis salvos; na quietude e na confiança estará a vossa força” (Is 30, 15).

O profeta Elias também aprendeu que não é na tempestade nem no fogo e no terremoto que Deus Se manifesta aos seus servos, mas sim no sussurro de uma brisa silenciosa (cf. I Rs 19, 11-13), porque, como salienta o Eclesiastes, “as palavras de sabedoria são ouvidas no silêncio” (9, 17 Vulg.). Na paz,



Santiago Veto

Claustro da Casa Lumen Prophetæ, Franco da Rocha (SP)

entendida como tranquilidade da ordem, o homem se torna capaz de adquirir o silêncio interior, que consiste no domínio das paixões.

Também São Bento,¹ pai da vida monástica no Ocidente, ensinava a valorizar a quietude como forjadora da humildade, afirmando que há ocasiões nas quais as palavras de bem devem ser deixadas de lado, por amor ao silêncio, até aprendermos, na luta, a requintada arte de nada dizer que não seja superior a ele.

O amigo que nunca trai – conforme a bela expressão da sabedoria oriental – não é o silêncio niilista, egocêntrico e estéril que alguns pretendem alcançar. Porque o verdadeiro silêncio resulta fecundo e mais musical do que qualquer melodia; inúmeras maravilhas surgiram de suas entranhas: pregadores, apóstolos, arquitetos, guerreiros, poetas...

Sua mais eloquente versão talvez seja o cântico da Santa Igreja, quer

dizer, o gregoriano, “silêncio harmônico” por antonomásia que, nascido do silêncio da contemplação, engendra um silêncio ainda maior. Analisando seus simples e elevados melismas, emanção de almas que alcançaram o silêncio interior, entender-se-á o que aqui está afirmado.

Embora seja difícil escapar da cacofonia que envolve a imensa maioria da humanidade, façamos o que nos aconselha o Salmo 37 e confie-mos no Senhor, guardando silêncio (cf. Sl 37, 14-16). Da paz que obtemos numa vida interior bem levada, nascerão harmonias capazes de

silenciar o mal, lançando-o na escura prisão que o Justo Juiz lhe destina. Procuremos afastar-nos da estrepitosa movimentação de vozes diabólicas e humanas que, como um rio turvo e violento, ameaçam arrastar-nos; e bebamos do Silêncio Absoluto, que é a Palavra Eterna. Oceano de quietude, profunda sabedoria, tesouros incontáveis, gozo e paz infinita. “Só em Deus repousa minha alma, d’Ele me vem a salvação” (Sl 61, 2). ✠

¹ Cf. REGRA DE SÃO BENTO, c.VI.



Tenha acesso
às belezas do
canto gregoriano
em seu celular





Vinde a Mim e vos darei a paz

Meu filho, sou a Mãe da Misericórdia com o Coração sempre cheio de compaixão; sou a escada misteriosa dos pecadores, sou a esperança e o perdão dos culpados, sou a consolação das almas aflitas, sou a alegria e a fruição dos bem-aventurados. Vinde a Mim, todos vós que Me amais, vinde e ficareis repletos de

minhas consolações. Vinde, porque tenho piedade de todos aqueles que Me invocam; vinde a Mim! Vinde todos, justos e pecadores, vinde, orarei por vós a Deus Pai, orarei também ao Filho Eterno, meu Filho, para que vos perdoe a todos por meio do Espírito Santo.

Tomás de Kempis